

UNIVERSIDADE MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE MESTRADO EM COMUNICAÇÃO

MARCOS MARTINEZ MUNHOZ

**A COMUNICAÇÃO DO RITUAL DE
AUTOSSACRIFÍCIO DO CORPO:**

OS PENITENTES DE BARBALHA - CE

São Caetano do Sul

2013

FICHA CATALOGRÁFICA

MUNHOZ, Marcos Martinez.

A comunicação do ritual do autossacrifício do corpo: os penitentes de Barbalha - CE / Marcos Martinez Munhoz. - São Caetano do Sul : USCS/ Universidade Municipal de São Caetano do Sul, 2013.

85p.

Orientador: Prof. Dra. Regina Rossetti

Dissertação (Mestrado) Comunicação – USCS, Universidade Municipal de São Caetano do Sul, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2013.

1 - Comunicação 2- Corpo 3. Autossacrifício. I. Rossetti, Regina. II. Universidade Municipal de São Caetano do Sul, Programa de Mestrado em Comunicação. III. Título.

MARCOS MARTINEZ MUNHOZ

**A COMUNICAÇÃO DO RITUAL DE
AUTOSSACRIFÍCIO DO CORPO:**

OS PENITENTES DE BARBALHA - CE

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Comunicação da Universidade Municipal de São Caetano do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Regina Rossetti

São Caetano do Sul

2013

UNIVERSIDADE MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL
Campus II - R. Santo Antônio, 50 – Centro - São Caetano do Sul (SP)

Reitor:

Prof. Dr. Marcos Sidnei Bassi

Pró-Reitor de Pós-graduação e Pesquisa:

Prof^a. Dr^a. Maria do Carmo Romeiro

Diretor do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Comunicação:

Prof. Dr. Herom Vargas Silva

Dissertação defendida e aprovada em 27/ Junho/2013 pela Banca Examinadora constituída pelos professores:

Prof^a. Dr^a. Regina Rossetti _____
Presidente – Orientadora – USCS

Prof^a. Dr^a. Priscila Perazzo _____
Convidado Interino da USCS

Prof. Dr. Luiz Vadico _____
Convidado Externo – UAM

DEDICATÓRIA

Para todos que eu vi.
E a todos que o tempo não deixou.

AGRADECIMENTOS

Tive o prazer de conhecer uma grande pessoa. Esta pessoa foi minha orientadora, que, com muita paciência, explicação e dedicação, fez com que este trabalho tivesse êxito e desse resultado, tanto para o próprio aluno que sou eu, quanto ao eu que não sabe muito bem quem é.

Agradeço a minha amiga e companheira Fátima, que sempre paciente aguentou meus desânimos, minhas filosofias e minhas descobertas. Aos meus amigos que deixei de ver. A minha mãe e minha irmã, meu sobrinho e meu cunhado.

Também agradeço à Universidade Municipal de São Caetano do Sul, que a cada aula, a cada conversa, aproximou-me como um filho ao seu pai. Este meu tema foi se modificando aos poucos, como um polimento de uma pedra bruta. Ainda está bruta, mas ao menos já tomou forma. Tentarei polir nos meus próximos estudos, que virão a seguir durante todo o meu tempo de vida, e lembro o que um grande professor me disse um dia: “A vida é curta demais para se descobrir a verdade. Não dá tempo. Infelizmente”.

EPÍGRAFE

Índios
(Legião Urbana)

Quem me dera ao menos uma vez
Ter de volta todo o ouro que entreguei a quem
Conseguiu me convencer que era prova
de amizade
Se alguém levasse embora até o que eu
não tinha.

Quem me dera ao menos uma vez
Esquecer que acreditei que era por
brincadeira
Que se cortava sempre um pano-de-
chão
De linho nobre e pura seda.

Quem me dera ao menos uma vez
Explicar o que ninguém consegue
entender
Que o que aconteceu ainda está por vir
E o futuro não é mais como era
antigamente.

Quem me dera ao menos uma vez
Provar que quem tem mais do que
precisa ter
Quase sempre se convence que não tem
o bastante
Fala demais por não ter nada a dizer.

Quem me dera ao menos uma vez
Que o mais simples fosse visto
Como o mais importante
Mas nos deram espelhos e vimos um
mundo doente.

Quem me dera ao menos uma vez
Entender como um só Deus ao mesmo
tempo é três
E esse mesmo Deus foi morto por vocês
Sua maldade, então, deixaram Deus tão
triste.

Eu quis o perigo e até sangrei sozinho
Entenda
Assim pude trazer você de volta pra
mim
Quando descobri que é sempre só você
Que me entende do início ao fim.

E é só você que tem a cura pro meu
vício
De insistir nessa saudade que eu sinto
De tudo que eu ainda não vi.

Quem me dera ao menos uma vez
Acreditar por um instante em tudo que
existe
E acreditar que o mundo é perfeito
E que todas as pessoas são felizes.

Quem me dera ao menos uma vez
Fazer com que o mundo saiba que seu
nome
Está em tudo e mesmo assim
Ninguém lhe diz ao menos, obrigado.

Quem me dera ao menos uma vez
Como a mais bela tribo
Dos mais belos índios
Não ser atacado por ser inocente.

Eu quis o perigo e até sangrei sozinho
Entenda
Assim pude trazer você de volta pra
mim
Quando descobri que é sempre só você
Que me entende do início ao fim.

E é só você que tem a cura pro meu
vício
De insistir nessa saudade que eu sinto
De tudo que eu ainda não vi.

Nos deram espelhos e vimos um mundo
doente
Tentei chorar e não consegui.

RESUMO

Esta pesquisa pretende investigar o ritual de autossacrifício do corpo como forma de comunicação, partindo da problemática da punição do corpo como contenção e controle e como forma de expressão religiosa. A metodologia utiliza revisão bibliográfica, pesquisa documental e entrevista. Para tanto, primeiro apresenta os diversos conceitos de corpo na história do pensamento ocidental e trata o corpo como linguagem e forma de comunicação. Depois, trata da relação entre corpo e ritual de autossacrifício abordando o sentido da mortificação do corpo, bem como da espetacularização desse sacrifício. Por fim, analisa comparativamente dois casos, um histórico e outro atual, em que o autossacrifício do corpo é tornado espetáculo: o teatro e o movimento do autoflagelo do corpo na Baixa Idade Média por meio da chamada Irmandade Flagelante e a Irmandade da Cruz no Ceará do Brasil contemporâneo, especificamente, os penitentes da cidade de Barbalha. Trata-se de pensar como ocorre uma reapropriação no presente, com características do hoje, de elementos antigos da tradição passada. Inovação aqui é pensada em um sentido social como apropriação. Socialmente, a inovação pode advir da apropriação coletiva que o grupo faz de um produto ou processo. Nesse sentido, a nova apropriação modifica o sujeito e transforma sua visão e sua ação no mundo.

Palavras-chave: comunicação; corpo; autossacrifício.

ABSTRACT

This work investigates the ritual of bodily self-sacrifice as a means of communication, considering body punishment as a containment and control and as a way of religious expression. Literature review, documentary research and interview were used as methodology. First, it presents the many concepts of body in the history of Western thought and considers the body as language and means of communication. It then deals with the relation between body and self-sacrifice rituals by addressing the meaning of body mortification, as well its representation as a major spectacle. Finally, analyses comparatively two cases, one historical and other current, in which the bodily self-sacrifice becomes a spectacle: the theater and the bodily self-scourging movement in the Late Middle Ages through the so-called Flagellant Brotherhood and the Brotherhood of the Cross in the State of Ceará, in contemporary Brazil. Thinking how the reappropriation of old elements of past tradition in the present with particular characteristics of today's society is what it is all about. Innovation here is conceived in a social sense as appropriation. Socially, innovation can arise from the collective appropriation of a product or process by the group. In this sense, the new appropriation changes the subject and transforms their view and their action in the world.

Keywords: communication; body; self-sacrifice.

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA.....	6
AGRADECIMENTOS	7
EPIGRAFE.....	8
RESUMO	9
ABSTRACT	10
LISTA DE FIGURAS	13
1. INTRODUÇÃO.....	13
1.1. Origem do estudo	15
1.2. Problematização.....	15
1.3. Objetivo	15
1.4. Justificativa do estudo	16
1.5. Delimitação do estudo	16
1.6. Vinculação à Linha de Pesquisa	18
1.7. Resumo das partes	18
1.8. Metodologia.....	20
2. CORPO E COMUNICAÇÃO	22
2.1. Os conceitos de corpo na história do pensamento ocidental	22
2.2. O corpo como comunicação e linguagem.....	26
3. CORPO E SACRIFÍCIO	35
3.1. O significado do ritual de autossacrifício do corpo.....	35
3.2. O sacrifício como espetáculo.....	38
4. O RITUAL RELIGIOSO DE AUTOFLAGELO DO CORPO COMO COMUNICAÇÃO.....	41
4.1. O Teatro e a Irmandade Flagelante na Europa Medieval	41
4.2. O mimo Cristológico	42
5. A IRMANDADE DA CRUZ NO BRASIL CONTEMPORÂNEO: os Penitentes de Barbalha- CE	48
5.1. Catolicismo popular e penitência	48
5.2. Documentário do SBT: A reportagem e a descrição dos penitentes de Barbalha	51
5.3. Os Penitentes da Cabeceira na região do sertão do Cariri, no Ceará.....	55
5.3.1. Sobre o ritual religioso dos Penitente da Cabeceira	57
5.3.2. Sobre a origem no Ceará do ritual religioso de autoflagelo do corpo	69
CONCLUSÃO.....	82
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	86

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – CENA DO FILME “O SÉTIMO SELO” (1956), DIRIGIDO POR INGMAR BERGMAN.....	13
FIGURA 2 – OLÍMPIO, NO PÉ DO CRUZEIRO – SÍTIO LAGOA	17
FIGURA 3 – PENITENTES CAMINHAM COM O CRUZEIRO, APÓS A SAÍDA DA IGREJA	51
FIGURA 4 – PENITENTES CAMINHAM PELA CIDADE DE BARBALHA - CE PARA PEDIR AS ESMOLAS COMO RITUAL	54
FIGURA 5 – OLÍMPIO LUDUGERO NA FRENTE DA CASA DO SÍTIO LAGOA, COM A DISCIPLINA NA MÃO.....	60
FIGURA 6 – SÍTIO LAGOA – OLÍMPIO, À DIREITA, E FRANCISCO LUDUGERO, À ESQUERDA, NO CRUZEIRO	61
FIGURA 7 – DODA, À ESQUERDA, E FRANCISCO SEVERO, À DIREITA	73
FIGURA 8 – FRANCISCO SEVERO SEGURANDO O CRUZEIRO NA SUA RESIDÊNCIA	75
FIGURA 9 – O GRUPO DE PENITENTES REZANDO O TERÇO EM SUFRÁGIO DA ALMA DO DECURIÃO JOAQUIM MULATO, QUE MORREU NA SEGUNDA-FEIRA DE CARNAVAL, VÍTIMA DE ATROPELAMENTO	76
FIGURA 10 – PENITENTES REVIVEM A FÉ POPULAR	77
FIGURA 11 – BENDITOS PARA ENCAMINHAR OS MORTOS.....	77
FIGURA 12 – SEGUIDORES DA ORDEM DOS PENITENTES NAS ESTRADAS DA SERRA DO ARARIPE.....	78
FIGURA 13 – AUTOFLAGELO DOS PENITENTES	79
FIGURA 14 – VISITA DO BISPO DOM FERNANDO PANICO AOS PENITENTES DE BARBALHA.....	80

1. INTRODUÇÃO

No mundo contemporâneo, o ritual religioso se faz espetáculo nos cultos, nos templos, nas missas, nas procissões, sendo, também, amplamente divulgado pela mídia. Em especial, o símbolo do sacrifício do corpo é difundido por meio das imagens do Cristo crucificado, da comunhão na missa, dos jejuns, etc. Na Baixa Idade Média, podia-se assistir e participar dos espetáculos públicos de autoflagelo do corpo, como aquele produzido pela chamada Irmandade Flagelante. Esse ritual não ficou apenas na Idade Média, mas continuou como um fenômeno contemporâneo. Nas Filipinas, fiéis cometem autoflagelo na Sexta-feira da Paixão em procissão na rua como forma de expressar sua fé pela dor. No Ceará, também na Semana Santa, a Irmandade da Cruz realiza uma procissão em que os penitentes fazem um ritual de autoflagelo do corpo, como uma reapropriação da tradição medieval em que novas questões estão envolvidas.

Em uma das mais admiráveis cenas do filme sueco “O sétimo selo” (1956), dirigido por Ingmar Bergman, vê-se uma procissão de fiéis, maltrapilhos e moribundos insuflando os mais cruéis suplícios aos seus corpos esqueléticos. Essa passagem nos inspira a imaginar como poderia ter sido o espetáculo público de suplício do corpo da Irmandade Flagelante.



FIGURA 1 – CENA DO FILME “O SÉTIMO SELO” (1956), DIRIGIDO POR INGMAR BERGMAN

O movimento dos flagelantes medievais era capaz de compor um quadro espantoso de uma procissão de aleijados, anões, doentes, mulheres e devotos que atravessavam vilarejos gritando, rezando e se autopenitenciando como forma de

expressir sua compaixão com a dor que Jesus sentiu em sua marcha para o calvário e crucificação. Em uma dimensão religiosa, o homem considerado sempre como pecador tinha na flagelação do corpo uma forma de comunicação e de aproximação com Deus que levaria à remissão de seus pecados e à libertação de sua alma. Essas expressões representavam também um movimento social, além do movimento que a Igreja impunha, em que o suplício da carne fazia com que o corpo se libertasse da alma.

Esse movimento de flagelação do corpo na Baixa Idade Média tem relação com a crença no Apocalipse e no fim dos tempos, que se intensificou com o surgimento da Peste Negra. Sem conhecer as causas naturais dessa doença invisível que dizimava populações inteiras do dia para a noite, a Igreja abandonou seus fiéis a explicações sobrenaturais. A única linha de manifestação cultural, ou mesmo de tentativa de comunicação com o mundo exterior para além da Peste, foi o da punição do corpo. Esses homens caminham em autoflagelo, comunicando a reprodução da crucificação de Jesus em espetáculos públicos, cujos gritos e chibatadas traduziam em linguagem o desespero que os confortava do horror vivido pela quantidade de corpos que se enterravam por dia.

O corpo forneceu em cada cultura uma realidade que fora transmitida ou pela vida ou pela morte. Essa dualidade na história humana criou ideologias, costumes, culturas e religiosidades que envolvem o conceito de corpo e seu contato com Deus por meio do sacrifício. O sacrifício, tanto animal como humano, envolve um ritual público e, na Baixa Idade Média, esse ritual foi identificado com a crucificação de Cristo. O teatro, agora tolerável pela Igreja, inicia a reprodução como espetáculo da Crucificação. Este fez parte do principal movimento do imaginário humano no período: o autossacrifício do corpo como oferenda da Irmandade Flagelante no movimento de punição do corpo tornado espetáculo. Este espetáculo, por onde passava, carregava a dor e o sofrimento que o próprio sacrifício de Deus causou para a humanidade, como a ideia do Apocalipse. Além disso, cria a ideia e reproduz um imaginário da caminhada da crucificação de Cristo. Este mesmo espetáculo, visto como reprodução do ídolo, fez com que homens seguidos por mulheres reproduzissem este movimento pela Europa, causando o espanto, a admiração e a reprodução de um momento histórico pelos pecados humanos representados pelo flagelo do corpo.

1.1. Origem do estudo

Foi meu interesse buscar neste estudo o entendimento do corpo aprisionado pelo próprio homem. O relacionamento entre o eu e o corpo se modifica e se renova em cada período histórico. A busca deste estudo iniciou após o episódio do filme “O sétimo selo”, no qual o corpo como manifestação da Irmandade Flagelante torna-se o principal instrumento da motivação do movimento. Após o corpo flagelado motivar a comunicação do espetáculo da imagem de Cristo a caminho da crucificação, coube a discussão de como o corpo é visto pelo homem na sua história, como surgiu a Irmandade Flagelante, os pensamentos que se formaram em torno do movimento e o papel da Igreja como limites do pensamento. Dessa forma, o movimento é uma comunicação do próprio sofrimento humano pelo seu pensamento que o pune e esta punição é como uma libertação da sua própria verdade. A pesquisa partiu do estudo do flagelo do corpo na Baixa Idade Média e sua perpetuação por séculos, pois este movimento de sacrifício do próprio corpo ainda existe em comunidades, religiões e pessoas que procuram, por meio do sacrifício do corpo, uma manifestação do pensamento como reconhecimento.

1.2. Problematização

Esta pesquisa parte da problemática da punição do corpo como contenção e controle quando assume uma forma de expressão religiosa. Trata da questão da transformação no modelo de pertencimento social confrontando o aprisionamento do corpo e ao mesmo tempo a liberdade da tortura para o aprisionamento da alma. Pretende responder à seguinte pergunta-problema: “De que modo o ritual de autossacrifício do corpo como linguagem comunica?”

1.3. Objetivo

Objetivo principal:

Identificar o ritual de autossacrifício do corpo como comunicação na comunidade dos Penitentes da cidade de Barbalha no Ceará.

Objetivos específicos:

- a) Resgatar as diversas concepções de corpo na história;

- b) Compreender a linguagem do corpo e como ele se comunica;
- c) Relacionar corpo, sacrifício e espetáculo;
- d) Analisar um caso contemporâneo, em que o ritual de autossacrifício do corpo se mostra como processo de comunicação.

1.4. Justificativa do estudo

O corpo que comunica é objeto do campo de estudos da Comunicação. Entretanto, o aspecto sacrificial do corpo ainda é pouco estudado, mesmo sendo um fenômeno ainda existente na contemporaneidade, fato que justifica esta pesquisa.

1.5. Delimitação do estudo

Propõe-se pensar o corpo em comunicação em seu aspecto sacrificial. A escolha foi pela análise de um caso contemporâneo, em que o ritual de autossacrifício do corpo se torna espetáculo público. No Brasil contemporâneo, tem-se o caso dos penitentes da Irmandade da Cruz localizada na cidade de Barbalha, no Ceará. Esse ritual, que em um primeiro momento era feito no âmbito privado, passa a ser público e fazer parte dos festejos da Semana Santa. Para compreender melhor o fenômeno, é feita uma pesquisa histórica sobre o final da Idade Média e início do Renascimento, em que aparece o teatro e a Irmandade Flagelante, momentos em que o corpo era penitenciado para admiração dos fiéis.

A Irmandade da Cruz trata-se de um grupo da zona rural de Barbalha, no Ceará, que realiza um ritual religioso que inclui a flagelação do corpo, cujo martírio é feito por meio de chicotadas com lâminas de aço afiadas que eles realizam por meio de movimentos repetidos sobre as costas em frente aos túmulos e cruzeiros das almas. Quando não se cortam, fazem longas caminhadas com pedras na cabeça e perambulam pelas noites e madrugadas, vestindo túnicas com o rosto encapuzado, entoando cantos e rezas.

A manifestação da fé do grupo dos penitentes tem suas raízes na visão providencialista do período medieval, nas práticas das irmandades flagelantes que viveram no sul da Itália nos séculos XI e XII. Essa forma de catolicismo foi disseminada no Cariri Cearense pelos missionários Capuchinhos no período de

colonização. Esses ensinamentos ganharam força no lugar no período da grande seca, em 1877, seguida de uma epidemia de cólera que matou milhares de pessoas.

A penitência do corpo é um canal de comunicação com o sagrado que resignifica a vida cotidiana dos integrantes da Irmandade da Cruz. Nesse sentido, o corpo é um mediador, segundo Martín-Barbero, o qual diz que o “popular se constitui em cultura”:

A primeira coisa que perde a base diante da abordagem de uma outra Idade Média é o hiato estabelecido pelo racionalismo entre medievo e modernidade, não para retornar a uma continuidade evolucionista, mas para dar conta dos movimentos culturais, aqueles nos quais o que se transforma é o sentido mesmo do tempo, a relação dos homens com o tempo enquanto duração na qual se inscreve o sentido do trabalho, da religião e seus discursos (MARTIN-BARBERO, 2008, p. 99).



Fonte: Acervo pessoal. Foto: Marcos Martinez Munhoz. Barbalha-CE, 2012.

FIGURA 2 – OLIMPIO, NO PÉ DO CRUZEIRO – SÍTIO LAGOA

1.6. Vinculação à Linha de Pesquisa

Esta pesquisa está vinculada à linha de pesquisa 2 – *Inovações na linguagem e na cultura midiática*, do Programa de Mestrado em Comunicação da USCS, pois trata o corpo e seu sacrifício como forma de expressão e linguagem. Embora trate também de questões sociais, o foco principal é no sacrifício como linguagem que o corpo utiliza para comunicar. É estudada uma comunidade específica entendida como um grupo cultural que se reúne em torno de uma crença religiosa, de um ritual e de um valor expressos do sertão do Cariri, no Ceará.

A inovação neste estudo está na reutilização de um rito medieval europeu por uma comunidade contemporânea brasileira. Em um novo contexto, hoje diante das novas tecnologias, das liberdades individuais, da sociedade mais livre e mais igualitária, o que se vê é a necessidade de autossacrifício do corpo como forma de comunicar um preceito religioso de fé. A inovação é tratada na comparação entre o ritual de autoflagelo do corpo na Idade Média com o ritual contemporâneo dos penitentes do Ceará. Também foi feita a identificação de novos elementos de linguagem existentes na atualidade da Irmandade da Cruz se comparados à Irmandade Flagelante, bem como elementos relacionados aos instrumentos utilizados, aos cânticos entoados e às vestimentas. Em suma, a inovação é tratada na reapropriação atual do ritual de autoflagelo do corpo da Idade Média pelos penitentes da cidade de Barbalha Ceará por meio da identificação de novos elementos de linguagem existentes na atualidade da Irmandade da Cruz se comparados à Irmandade Flagelante, tais como instrumentos utilizados, cânticos entoados, vestimentas, etc.

1.7. Resumo das partes

Introdução

Capítulo 2 – Corpo e comunicação

Os objetivos deste capítulo são dois: primeiro, resgatar as diversas concepções de corpo na história do pensamento ocidental e, segundo, identificar a linguagem do corpo e como ele se comunica. A metodologia é a pesquisa bibliográfica do referencial teórico baseado nos seguintes autores:

- Greiner, Cardim, Le Goff e Vigarello, que tratam dos vários conceitos de corpo na história do pensamento ocidental;
- Le Breton, Campelo, Santaella, Rensch e Merleau-Ponty, que tratam do corpo em sua dimensão comunicativa.

Capítulo 3 – Corpo e sacrifício

O objetivo deste capítulo é estabelecer a relação existente entre corpo e sacrifício e explicitar de que modo essa relação pode se tornar espetáculo para admiração pública. Para tanto, primeiro é apresentado o que significa o ritual de autossacrifício do corpo e depois este sacrifício corporal é relacionado ao espetáculo. A metodologia é a pesquisa bibliográfica e o referencial teórico é baseado nos seguintes autores:

- Foucault, Nietzsche, Bourdieu e Mauss, que discorrem sobre o sacrifício do corpo;
- Martín-Barbero e Debord, que trazem o conceito de espetáculo, e Vigarello, sobre o sacrifício espetacular.

Capítulo 4 – O ritual religioso de autoflagelo do corpo como comunicação

O objetivo deste capítulo é apresentar um exemplo brasileiro contemporâneo, em que o sacrifício do corpo, na forma de ritual religioso de autoflagelo do corpo, mostra-se como processo de comunicação.

Por meio de pesquisa historiográfica, trata-se de analisar o corpo sacrificado no teatro e na Irmandade Flagelante da Baixa Idade Média como forma de comunicação espetacular. A metodologia é a pesquisa bibliográfica e o referencial teórico é baseado em Berthold, que trata da história do teatro da Igreja na Baixa Idade Média, e em Friedrich, que fala da Irmandade Flagelante.

Capítulo 5 – A Irmandade da Cruz no Brasil contemporâneo: os penitentes de Barbalha - CE.

Por meio de pesquisa documental e entrevistas, busca-se analisar o tipo de comunicação que acontece no autoflagelo e na penitência do corpo como ritual religioso na Irmandade da Cruz do Ceará da atualidade, especificamente, os penitentes de Barbalha - CE.

Conclusão

Referências

1.8. Metodologia

Esta pesquisa é de natureza qualitativa em nível exploratório e visa promover uma aproximação do objeto de pesquisa: a comunicação do ritual de autossacrifício do corpo. No que se refere à análise dos dados, trata-se de uma análise interpretativa dos dados coletados. Envolve revisão bibliográfica do referencial teórico, pesquisa histórica, pesquisa documental e entrevistas.

A revisão bibliográfica versa sobre o tema da comunicação do sacrifício do corpo. A estrutura do trabalho será composta de introdução, desenvolvimento das teses principais em três capítulos e considerações finais. Também é feito o levantamento bibliográfico em catálogos de bibliotecas e editoras, além de bases de dados como Próquest e Periódicos Capes, livros, teses, periódicos e artigos que interessam à pesquisa.

A pesquisa historiográfica foi realizada para investigar acontecimentos e instituições da Baixa Idade Média sobre o teatro cristão e a Irmandade Flagelante e assim poder verificar suas influências na sociedade de hoje.

Na pesquisa documental, foi feita a identificação, a verificação e a apreciação de documentos coletados sobre a Irmandade da Cruz. A busca será por fotografias, reportagens e documentos fornecidos pela própria comunidade de penitentes localizada em Barbalha (CE).

Foram feitas entrevistas em profundidade com alguns integrantes da Irmandade da Cruz da cidade de Barbalha - CE com o objetivo de explorar o assunto do ritual religioso de autoflagelo do corpo e o que se pretende comunicar nesses rituais a partir da busca de informações, percepções e experiências subjetivas dos entrevistados. Trata-se de resgatar a história da Irmandade da Cruz, se existem elementos culturais brasileiros como inserção da música regional, influência do cordel, vestimenta, orações, etc. Foi feita análise do documentário de 2007, do Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), sobre os penitentes de Barbalha, na busca de elementos que contribuam para a compressão deste fenômeno específico, além de entrevistas com os penitentes e coleta de documentos. As entrevistas buscam identificar o significado de autoflagelo e que tipo

de mensagem, se é que há, é comunicada com esta manifestação religiosa. O objetivo é proceder a uma análise da Irmandade da Cruz em seus aspectos de expressão do corpo e significado atribuído a esse ritual de sacrifício do corpo.

Trata-se de voltar o olhar para o evento contemporâneo do autossacrifício do corpo, como ocorre na Irmandade da Cruz em Barbalha (CE), a partir das várias facetas que descrevem esse fenômeno no tempo e no espaço: por meio de bibliografia sobre o sacrifício do corpo e sobre o catolicismo popular; pesquisa bibliográfica histórica sobre a Irmandade Flagelante da Baixa Idade Média, sobre o teatro medieval e sobre o Padre Ibiapina; documentos trazidos da pesquisa de campo feita no local sobre o grupo de penitentes; documentos coletados em Barbalha; imagens registradas em fotos e vídeos produzidos e doados pelos penitentes; entrevistas realizadas e narrativas orais desses religiosos penitentes; e, por fim, pelo olhar da mídia a respeito, com o documentário do SBT.

2. CORPO E COMUNICAÇÃO

Os objetivos deste capítulo são dois: primeiro, resgatar as diversas concepções de corpo na história do pensamento ocidental e, segundo, por meio de pesquisa bibliográfica, identificar a linguagem do corpo e como ele se comunica.

2.1. Os conceitos de corpo na história do pensamento ocidental

O corpo mudou de conceito no decorrer da história; assim, este estudo inicia-se com a recuperação das várias concepções de corpo apresentadas desde a Antiguidade até a contemporaneidade. Segundo Greiner, o substantivo “corpo” vem do latim *corpus* e *corporis*. Corpo designa o corpo morto, o cadáver, em oposição à alma ou *anima*, a partir da nomeação grega que usou a palavra *soma* para o corpo morto e a palavra *demas* para o corpo vivo. “É daí que parece nascer a divisão que atravessou séculos e culturas separando o material e o mental, o corpo vivo do corpo morto. Neste sentido, a noção de corpo teria a ver com o sólido, tangível, sensível e sobretudo banhado de luz, portanto visível e com forma” (GREINER, 2005, p. 17).

Em se tratando da concepção ocidental, no período grego de Homero, o corpo ainda não era reconhecido como uma unidade organizada. O corpo vivo era entendido de forma fragmentada, como um agregado de membros e articulações separadas. O corpo vivo não possuía individualidade, apenas o corpo-cadáver era pensado como uma estrutura totalizada (ORTEGA, 2010, p. 20). Cardim, então, cita o período Grego Antigo: “era importantíssimo enterrar o cadáver para que a alma pudesse se separar do corpo e juntar-se ao reino das sombras, para, enfim, regenerar-se para um novo nascimento em um novo corpo” (CARDIM, 2009, p. 21). Ele exemplifica este processo fazendo uso da Mitologia Grega, citando o funeral de Etéocles, que morre ao defender a cidade atacada por seu irmão, devendo, então, ser enterrado como herói, da mesma forma que Antígona, uma das filhas de Édipo, concede as honras fúnebres ao seu irmão.

Quando Hipócrates¹, “o pai da medicina”, criou a teoria dos humores, que até o século XII foi o paradigma médico dominante, a cura era o restabelecimento do equilíbrio dos quatro humores básicos: sangue, fleuma, bile amarela e bile negra. Esses

1

Conforme coleção *Corpus Hippocraticum*, que seria um conjunto de obras atribuídas a Hipócrates no século V a.C.

quatro elementos estavam relacionados com quatro elementos da natureza (terra, ar, água e fogo), referentes a quatro qualidades (frio, seco, quente e úmido) e também referentes às quatro estações do ano.

No período clássico da Antiguidade Grega, Platão afirma que a alma tem supremacia em relação ao corpo, pois

“o que importa verdadeiramente é a realidade do mundo das idéias, ou antes, a própria Teoria das Idéias, que polariza a alma que se move a si mesma de seu próprio interior; a alma é o seu princípio de movimento, ela preexiste ao corpo, é imaterial e imortal (cf. *Fedro* 245d- 246a). Já o corpo é movido pela alma e é, ao mesmo tempo, cárcere ou prisão da alma assim como seu túmulo; o corpo é material e mortal” (CARDIM, 2009, p. 23).

Dessa forma, na Antiguidade em geral o corpo era somente unidade representado como cadáver; ele somente se tornava corpo com o final da alma. Pouco se buscava ou se interessava por algo que somente começava quando terminava a vida.

A Idade Média foi de início a época de grande renúncia do corpo (LE GOFF, p. 36). O corpo no período Medieval é tratado do ponto de vista religioso e concebido como fonte de pecado que deve ser punido para salvação da alma. Este mesmo corpo é entendido em seu compromisso com Cristo no período histórico que vai do século XI ao século XV, chamado de Baixa Idade Média, marcado pelo domínio da Igreja Cristã e pela importância de seu simbolismo mais poderoso: a crucificação de Jesus.

A partir do século XII, o desenvolvimento da imitação do Cristo na devoção introduz, entre os leigos, práticas que remetem à Paixão de Cristo. O rei da França Luís XIII submeteu-se à mortificação corporal, que se compara aos ascetas: o uso do cilício, a flagelação, a vigília, dormir diretamente no chão – esses eram os piedosos leigos. Oliveira descreve o cilício:

Corda rústica ou corrente de ferro, repleta de pontas eriçadas, que os penitentes amarram em volta da cintura, da coxa ou do braço, diretamente sobre a pele, autoflagelando-se como meio de expiação de maus atos, vícios, pecados ou tentações. O uso do cilício e do chicote – mais conhecido como “disciplina” – não era incomum entre os religiosos de diversas ordens e congregações católicas desde a Idade Média, apesar de existir todo um conjunto de regras para seu uso, que incluíam, principalmente, a permissão explícita do superior conventual para a execução da penitência (OLIVEIRA, 2006, p. 14).

Estas mudanças que ocorreram na história mudaram o conceito de corpo. O ser humano não é mais compreendido como aparece nos mitos gregos, contados por Hesíodo e pela tradição judaico-cristã como constituído de natureza e de essência divinas. Esta percepção de corpo divino permaneceu durante muito tempo na história, no período Medieval, em que não há indícios da separação do humano da totalidade ou natureza (SILVA, 2001, p. 7).

No Renascimento, a publicação do livro de Andreas Vesálio, em 1543, *Da organização do corpo humano*, trouxe uma reviravolta que marcou o nascimento da anatomia científica moderna (ORTEGA, 2010, p. 25).

Segundo Le Goff, Michelet realizou uma pesquisa que descreve o homem como autor de um drama e afirma que o corpo foi um tema esquecido pela história.

O modo de se vestir, de morrer, se alimentar, de trabalhar, de morar, de habitar sua carne, de desejar, de sonhar, de rir ou de chorar não atingiu o estatuto digno de interesse histórico (LE GOFF, 2007, p. 15).

O corpo visto pela medicina participava lentamente de uma mudança mental que revirava as elites da Europa no século XVI e enriquecia a burguesia. Os médicos não podiam mais se contentar com a ideia de descobrir a doença no corpo após a morte. Eles tinham, então, que compreender a doença, o tratamento, dar diagnóstico e definir tratamento.

No período Moderno, Descartes, no século XVII, descreve o corpo humano como algo não separado da natureza, citando, inclusive, que o corpo é de domínio da natureza: “o corpo é puramente corpo, assim como alma é puramente alma” (SILVA, 2001, p. 14). É necessário reconhecer as diferenças em relação ao corpo na ciência e na filosofia. Por fim, Kant assim complementa: “o lugar do sujeito pensante no interior do mundo sensível é precisamente o espaço de seu corpo” (CARDIM, 2009, p. 49).

Na Contemporaneidade, surge a fenomenologia, compreendida como “estudos dos atos da consciência”, na qual a intenção da consciência é sua referência ao objeto. Para Husserl, pai ou criador da fenomenologia, o corpo não é um objeto; é na verdade o meio de acesso aos outros corpos e ao mundo. A consciência é intencional, ou seja, consciência de alguma coisa, capaz de dar significado a essa coisa e indicar seu sentido no mundo. Assim sendo, o corpo adquire significado frente aos outros corpos conscientes.

Outra grande contribuição para a história da humanidade foi o pensamento de Nietzsche, o qual afirma que “a nós filósofos não nos é dado distinguir entre corpo e alma, como faz o povo, menos ainda diferenciar alma do espírito” (Apud CARDIM, 2009, p. 10). Em seu livro *O Anticristo*, afirma que é “necessária também uma preferência da força por questões a que hoje ninguém se atreve; a coragem para o *proibido*; a predestinação para o labirinto” (NIETZSCHE, 2011, p. 12). Ao falar da vontade de potência, pergunta: “O que é bom? Tudo que aumenta no homem o sentimento de poder, a vontade de poder, o próprio poder. O que é mau? Tudo o que nasce da fraqueza” (NIETZSCHE, 2011, p. 13). Ao discutir o tema do sacrifício, trata do poder do sagrado sobre o corpo, que através do ato sacrificial transforma o ser em sacrificado e até mesmo em sacrificador. O corpo se encarrega da tarefa de manter-se vivo e o homem o alimenta com ideologias que o transformam em veículo de uma comunicação religiosa. Dessa mesma forma, o mesmo movimento que trouxe o Deus sacrificado como modelo de admiração e de superstição criou o homem que se tornou “cristão” e que, por ser um admirador de grandes ídolos, se calou frente aos movimentos que passavam, como a sua fraqueza e sua perseguição, como autônomos e pelo medo e pela força foram alimentados pelo mesmo homem que o liberta para se tornar preso. Assim, quando Nietzsche explica o homem cristão, ele demonstra o que aconteceu:

O Cristianismo tomou o partido de tudo o que é fraco, é baixo, falhado, fez da *oposição* aos instintos de conservação da vida forte um ideal; e até corrompeu a razão nas naturezas intelectualmente mais fortes, ao ensinar a ter os valores superiores da intelectualidade como pecaminosos (NIETZSCHE, 2011, p. 15).

Na escola de Frankfurt, a manipulação ideológica do corpo também foi objeto de crítica. Para Adorno e Horkheimer, o “corpo é paralisado pelo sofrimento físico, o espírito pelo medo. Na origem as duas coisas são separadas” (HORKHEIMER e ADORNO, 1991, p. 239). Adorno, ao defender que a dominação do corpo deve ser focalizada, supera na dialética entre a autoconservação e sacrifício porque recoloca na história sua origem; a escolha entre conservação e sacrifício não é individual, mas social.

Posteriormente, para Foucault (2010), o corpo foi visto como movimentos de espetáculo da história, pela sua exposição tanto vivo como morto. O filósofo observa que os momentos da história que envolviam o corpo, por meio destes suplícios, foram transformados ao longo dos séculos, de forma que o poder sobre o corpo não mais se

centralizava como técnicas de sofrimento, mas sim como perda de um direito ou de um bem, estabelecendo a realidade incorpórea. Conforme Foucault ilustrou no livro *Vigiar e Punir* (2010), o corpo é mergulhado num campo político e suas relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o suplicam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais. A flagelação do corpo acontece como uma manifestação popular, de sistema prisional do pensamento cristão do apocalipse que, acompanhado da Peste Negra, investe em seus corpos e em suas atitudes. Conforme o modelo panóptico que Foucault nos cita, a liberdade vos trará a luz da verdade não somente aos olhos e ao meio social. Suas leis são como escravaturas, o corpo são as algemas e a sociedade os vigia sem saber, pois sua dominação cultural, seu intelecto, está nas mãos do poder simbólico que cada um em seus períodos impôs para ser respeitada. A Virgem, os santos, a crucificação e todos os outros aparelhos de manutenção do poder serviram a um ser que nunca responde a qualquer pergunta dando uma resposta sequer, e assim o Estado por si só o responde.

2.2. O corpo como comunicação e linguagem

Corpo não é somente carne, pois, além de sua característica natural e física, o corpo comunica. O corpo é pleno de informações, tanto biológicas como culturais. Pode-se perceber isso por meio de gestos, aparência, vestimenta, movimentos corporais e partes do corpo que podem ser veladas ou expostas em público. Há também a comunicação artística do corpo que envolve a performance, a atuação teatral, a representação simbólica do vivo e do morto e as obras de arte que representam o corpo. Existe também a linguagem corporal, manifestada nas culturas.

As manifestações emotivas padronizadas são expressões compreendidas, isto é, são mensagens que constituem uma linguagem. Estes gritos são como frases e palavras. É preciso dizê-las, mas se é preciso dizê-las é porque todo o grupo as compreende. A pessoa faz mais do que expressar seus sentimentos. Ela manifesta para outrem. Ela o manifesta para si mesma. O sentimento de culpa traz à sociedade este sentimento, o que Mauss acredita que são barreiras puramente imaginárias. No período em que ocorre o movimento no qual se flagelava o corpo, como dito anteriormente do “Apocalipse”, os homens se açoitavam e se chicoteavam para penalizar o corpo que os tinha levado ao pecado, sendo que esse pecado era comum a todos que assistiram a duras penas o que a “peste” trouxera ao período. Essa flagelação era uma reprodução da crucificação de

Cristo, que serviria como o único e maior modelo de comunicação do perdão. A consciência e a impotência destes homens fizeram com que este movimento não somente fosse imitado, mas também se tornou o espetáculo do sangue, pois este era retirado do corpo e quanto mais se apresentasse maior teria sido a penitência e maior teria sido o resultado. Theml (2003) explica que existem diferentes olhares sobre corpo em função das diferentes culturas. Como existe uma série de concepções em relação à cultura, esta é concebida como comunicação. Viver em sociedade é um constante movimento entre aprendizados e respostas aos códigos, aos valores, às formas e às mensagens que circulam e se processam entre os diversos grupos sociais, em uma determinada época.

Quando o homem, no seu processo de hominização, descobriu o seu ambiente com curiosidade, descobriu a si mesmo como investigação.

De acordo com Le Breton, o corpo não é uma natureza, nunca se viu um corpo; o que se vê são homens e mulheres (LE BRETON, 2011, p. 24). “As representações do corpo são representações da pessoa” (2011, p. 26). O próprio nome de “corpo” (karo) só designa uma estrutura, uma base que se aplica indiferentemente a outros objetos (2011, p. 27). “No entanto a imagem do corpo é aqui a imagem em si, alimentada pelas matérias simbólicas a que mantêm sua existência em outros lugares e que cruzam o homem através de uma fina trama de correspondências” (2011, p. 34). Entretanto, Campelo questiona: “o homem morre e acaba ou cada morte individual é o melhor adubo para a vida da cultura? Morre o homem para passar a viver na eternidade do corpo da cultura? Ou morre a cultura a cada corpo que deteriora?” (CAMPELO, 1996, p. 45). Porém, quando Santaella (2012) descreve o corpo na psicanálise, ela o compara ao exemplo animal, que é um corpo que sofre as ações do tempo, as doenças e envelhece, mas quando se trata do ser humano, não somos animais, pois, segundo ela, o animal tem as suas necessidades através do alimento e do sexo reprodutor; o corpo humano, entretanto, através da psicanálise, é um corpo pulsional, ao mesmo tempo em que é um corpo imaginário e também um corpo simbólico.

Dessa forma, ele é pesquisado, dissecado na filosofia, em estudos culturais, nas ciências naturais e sociais, nas artes e na literatura. Entretanto, de acordo com Foucault, “o corpo é a superfície inscrita nos eventos, traçada pela linguagem e dissolvida pelas ideias, o *locus* de um eu dissociado, adotando a ilusão de uma unidade substancial – um volume de desintegração” (2010, p. 138).

Segundo Mauss, existem mensagens do corpo. Sob a cultura do corpo, Campello diz que é no corpo que se vai gravando a história da cultura a que aquele corpo pertence, e que este mesmo corpo vê a sua identidade se formando no discurso do outro corpo. Dessa forma, para Santaella (2012), o corpo está presente em nós, pois nós somos o corpo. E ser o corpo é estar atado a certo mundo, sendo que o nosso corpo não está no espaço, ele é o espaço. Já Couto defende que o corpo é afetado pelas representações e são os valores que visam os códigos de diferenças, masculino/feminino, a fim de legitimar os vínculos sociais (COUTO; GOELLNER, 2012, p. 18). Porém, Gaiarsa diz que o corpo, além de inferior, grosseiro e escravo é subversivo, como declarado por Freud; que a maioria dos nossos desejos parece incompatível com as normas sociais estabelecidas (GAIARSA, 2002, p. 24).

Já Camargo e Hoff demonstram que existem muitas histórias em que o corpo comunica, assim como revela a cultura. Conforme os autores, o homem não constituiu o corpo no seu aspecto natural, mas ao percebê-lo e interpretá-lo, bem como ao estabelecer relações, pois são criações humanas que se constroem na cultura.

Cada sociedade constrói uma visão de corpo, que representa os seus valores, e que parece estar em constante choque com o biológico: o que nos mostra o quanto o Homem em estado de cultura está distante do seu estado de natureza (CAMARGO; HOFF, 2002, p. 11).

Sendo assim, Pinker descreve que “a crença de que os corpos são dotados de alma não é apenas um produto da doutrina religiosa; ela está imersa na psicologia das pessoas, e tende a emergir toda a vez que elas não digerem as descobertas da biologia” (PINKER, 2002, p. 311). Porém, Rensch discute sobre a evolução da mente humana:

Se aplicarmos um critério rigoroso, ninguém pode afirmar a existência de processos conscientes, a não ser em relação ao próprio eu. Ninguém sabe nada acerca de outra pessoa, a não ser através de sensações que a segunda provoca na primeira – por meio de radiações luminosas, ondas sonoras, etc. - isto é: mediante a imagem da dita pessoa, as palavras que pronuncia, as sensações tácteis que se tem ao contactá-la, etc., e além disso, por séries de representações (baseadas em resíduos daquelas sensações), nas quais se resumem todos os fenômenos, no sentido de uma personalidade da referida pessoa. Mas, dado que os seres humanos podem entender-se por meio de uma linguagem, torna-se possível informarmo-nos acerca dessa outra pessoa, de que ela tem, evidentemente, sensações e representações que correspondem às nossas (RENSCH, 1965, p. 73).

Segundo Pinker, os relativistas têm razão que, quando afirmam que não simplesmente abrimos os olhos e aprendemos a realidade, é como se a percepção fosse a janela pela qual a alma vê o mundo, e “só porque o mundo que conhecemos é uma construção de nosso cérebro, isso não significa que seja uma construção arbitrária – um fantasma criado por expectativas ou pelo contexto social” (PINKER, 2002, p. 276).

De todas as faculdades encontradas na obra prima chamada homem, a linguagem talvez seja a mais assombrosa. Lembre-se de que você é um ser humano com uma alma e o dom divino da fala articulada (PINKER, 2002, p. 286).

Conforme Pinker, a linguagem na vida intelectual teve uma distorção, na qual, ao invés de ser apreciada por ter a capacidade de comunicar o pensamento, foi condenada a restringir o pensamento.

Segundo Santaella (2012), de acordo com os empiristas, os órgãos dos sentidos são estimulados a receber e transmitir dados que são codificados pelo cérebro de modo a reproduzir um estímulo externo original. Desse modo, o sentir e o julgar se confundem com a percepção.

A percepção do corpo próprio e a percepção externa [...] oferecem-nos o exemplo de uma consciência *não tética*, quer dizer, de uma consciência que não possui a plena determinação de seus objetos, a de uma *lógica vivida* que não dá conta de si mesma e de uma *significação imanente* que não é para si clara e se conhece apenas pela experiência de certos signos naturais (apud SANTAELLA, 2012, p. 18).

Merleau-Ponty fala em corpo como sendo apenas um elemento no sistema do sujeito e de seu mundo, pois a tarefa obtém dele os movimentos necessários [...], não porque procuremos agradar ou disfarçar nossos pensamentos, mas porque literalmente somos aquilo que os outros pensam de nós e aquilo que o nosso mundo é (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 154). Entretanto, Santaella (2012) utiliza-se da expressão em si mesma do corpo, na qual constata, certamente, que ouvir e falar envolve o corpo. Conforme Merleau-Ponty, na expressão e na fala, a relação entre o pensamento e o corpo, bem como entre a fala e o pensamento, se utiliza usualmente, desde Descartes, da existência de um pensamento puro, de uma vida interior. Assim, de acordo com a conclusão de Merleau-Ponty, só conhecemos nosso próprio pensamento quando o formulamos em fala interna ou externa. Ele também explica a experiência do dizer que o orador não pensa antes de falar, nem mesmo quando fala, pois sua fala é o seu

pensamento. Porém, para Santaella, a fala não é um envelope externo do pensamento. É a fala costumeira que nos dá a ilusão de que possuímos os pensamentos independentes da fala (SANTAELLA, 2012, p. 27). Já sobre o desenvolvimento da linguagem, Rensch diz que “o aperfeiçoamento cerebral mais importante se deu com o aumento de tamanho de cérebro anterior e foi certamente com a formação da zona motora de linguagem que tornou possível o entendimento no seio da família e da horda, um pensamento muito mais abstrato e um progresso cultural por meio da tradição” (RENSCH, 1967, p. 108). Porém, o progresso cultural não hereditário realizou-se sob o saber, por meio do aprimoramento da linguagem. Dessa forma, para Merleau-Ponty, “é impossível cortar nosso conhecimento da experiência primordial a qual ele se enraíza” (SANTAELLA, 2012, p. 28). De qualquer forma, Merleau-Ponty não irá aceitar o postulado da separação do corpo e da mente conforme Descartes, pois, para ele, o corpo não é um objeto e nossa consciência também não é uma ideia. Sendo assim, acredita que não existe separação do mundo entre o exterior e o interior e que “o mundo inteiro está dentro de mim e eu estou inteiro fora de mim” (apud SANTAELLA, 2012, p. 36).

Já Greiner cita o livro *Philosophy in the flesh*:

O primeiro salienta que os mesmos mecanismos neurais e cognitivos que nos permitem perceber e mover são os que criam nossos sistemas conceituais e modos de razão. O segundo explica que a razão constrói e usa formas de inferências perceptiva e motora que também estão presentes em outras espécies animais. O terceiro destaca que a razão não é apenas consciente, mas em grande parte consciente (GREINER, 2005, p. 45).

Entretanto, Del Nero explica que o ser humano é o único ser que transforma o meio criando moldes artificiais de sobrevivência, constituindo casas, roupas, escolas, instituições e meios sociais, no qual a linguagem fará parte de todo o processo de aprendizagem. Temos a capacidade de comunicação por meio de símbolos de linguagem e do aprendizado, constituindo um ambiente. Dessa forma, é transmitida não somente de um único ser, mas de toda uma linguagem que causa o entendimento de outros indivíduos, que carregam significados. Estes mesmos significados explicam, demonstram e criam linguagens que são sistematicamente reconhecidas e criam um mundo particular ao humano que dá o seu significado às coisas. Assim, a consciência surge na Grécia, segundo Del Nero, como todo um processo mental entre mente, vontade e liberdade, o qual traz, neste período, a consciência que este mesmo indivíduo teria do que estava fazendo, assumindo assim a responsabilidade pelos seus atos e

trazendo a ele a avaliação do ser, comunicando-se, dessa forma, com outros seres humanos e criando elementos de uma forma criativa por meio de objetos culturais. Para Adorno, com o esclarecimento do progresso do pensamento, o humano queria por si livrar os homens do medo. O homem presume assim dominar a natureza, mas sempre e de qualquer forma está submetido a essa necessidade.

A universalidade dos pensamentos, como a desenvolve a lógica discursiva, a dominação na esfera do conceito, eleva-se fundamentada na dominação do real. É a substituição da herança mágica, isto é, das antigas representações difusas, pela unidade conceptual que exprime a nova forma de vida, organizada com base no comando e determinada pelos homens livres. O eu, que aprendeu a ordem e a subordinação com a sujeição do mundo, não demorou a identificar a verdade em geral com o pensamento ordenador. Juntamente com a magia mimética, ele tornou tabu o conhecimento que atinge efetivamente o objeto (ADORNO, 2006, p. 25).

Dessa forma, a comunicação do homem com o mundo e com outros homens por meio do corpo, no qual as linguagens se representam com ou sem a ciência do mesmo, bem como a forma que assume com seu corpo, traz a leitura e compreensão de outros corpos. Assim, consciente ou inconsciente, obtém-se a lógica discursiva criando uma personalidade corporal. Le Breton complementa que “o corpo também é, preso no espelho social, objeto concreto de investimento coletivo, suporte de ações e de significações, motivo de reunião e distinção pelas práticas e discursos que suscita” (LE BRETON, 2006, p. 77).

Porém, existe a sensibilidade dos sentidos. Nietzsche então diz que a sensibilidade por meio dos sentidos é imoral, pois nos engana sobre o mundo verdadeiro, sendo que para ele o corpo é “acometido por todos os erros de lógica existentes, refutado, até impossível, ainda que seja atrevido o bastante para se portar como se fosse real” (NIETZSCHE, 2009, p. 35). Descartes, ao contrário, acredita que o conhecimento somente pode ser obtido por meio da razão e que através da racionalidade os homens podem ter conhecimento de si e domínio da natureza. Este modelo de Descartes muito utilizado e aceito pela história, no qual o corpo é puramente corpo sendo de domínio da natureza, assim como a alma sendo puramente alma, defende que é por meio do princípio que a razão domina o corpo. Nietzsche considera, então, que a “razão” é a causa de falsearmos o testemunho dos sentidos. Dessa forma, para Descartes, a história natural irá se organizar por quatro variáveis, que segundo ele são: “a forma, a quantidade, a distribuição no espaço de uns em relação aos outros e a

grandeza de cada um”. É uma linguagem eminentemente descritiva e faz demonstrações infalíveis como pretendia Descartes à medicina (SILVA, 2001, p. 15). Sobre o esclarecimento nas palavras de Kant, Adorno diz que:

o esclarecimento é a saída do homem de sua menoridade, da qual é o próprio culpado. A menoridade é a incapacidade de se servir de seu entendimento sem direção a outrem. “Entendimento sem a direção de outrem” é o entendimento dirigido pela razão (ADORNO, 2006, p. 71).

O corpo comunica somente quando o outro o reconhece. Dessa maneira, o outro é identificado por práticas humanas em reconhecer como se portar, como esclarecer e como se tornar comum dentre todos os que iguais são conservados pelas forças punitivas que ameaçam, mostram e ilustram grandes ídolos, que surgem como uma força sobrenatural criando as regras da realidade, que são passadas de uma geração a outra como sentenças da bondade.

No antigo regime, Pellegrin cita que o corpo desprezado e ocultado somente é:

glorificado quando faz um todo com outros corpos e se torna então parte de um “verdadeiro” corpo: o corpo-oração, a comunidade de habitantes, a igreja que é corpo de Cristo e a primeira das três ordens do Estado. Num mundo impregnado de religiosidade cristã, o corpo não é, para (quase) todos senão o habitat temporário da alma imortal. Tristemente sexuado, verminado para sempre, votado à corrupção e encerrado em si esta alma, o corpo não pode – na melhor das hipóteses – passar de um instrumento a serviço da salvação, salvação pessoal e salvação comunitária que se confundem (CORBIN; COURTINE; VIGARELLO, 2008, p. 133, v. 1).

Para Marcuse, o corpo é o homem e este, mesmo subordinado ao “sacrifício metódico da libido e a sua sujeição rigidamente imposta às atividades e expressões socialmente úteis, é cultura” (MARCUSE, 1986, p. 21). No entanto, segundo Marcuse, para Freud “a história do homem é a história da sua repressão. A cultura coage tanto sua existência social como a biológica, não só partes do ser humano, mas também da sua própria estrutura instintiva” (MARCUSE, 1986, p. 28). Quando Freud cita a sua estrutura instintiva, ele descreve o princípio do prazer em princípio da realidade, na qual este prazer recorre aos processos primários que pelo inconsciente é distinto entre processos conscientes e inconscientes, porém em diferentes dimensões de processos mentais. Mas, quando o princípio do prazer é superado pelo princípio da realidade, o homem substitui o prazer momentâneo para o prazer adiado, restrito, porém garantido, no qual desejos humanos alteram sua realidade, tornando-o “útil”, prometendo um

retorno a sua promoção naquilo que torna verdadeiro algo mensurável e bloqueando tudo aquilo que venha a obstruir esta realidade por ele criada. O homem definiu o bom e o mau, o verdadeiro e o falso. As regras de comportamento nas coletividades antigas eram os corpos julgados por sua aparência dentre o masculino e o feminino, dentre o puro e o sagrado. No período Medieval, os monstros eram venerados ou temidos, sendo que, no imaginário medieval, foram incorporados pela cristandade e pelo pecado. A deformidade era um sinal evidente do pecado, que podia ser um enviado miraculoso de Deus, carregado pela sua cólera, ou mesmo a testemunha da onipotência dos céus ou mensageiro da desgraça na Terra. Porém, a cristandade intervém sobre a harmonia e a beleza do corpo humano.

Criado à imagem de Deus, o ser humano é a mais bela das criaturas e, em particular, o corpo de Cristo, homem-Deus, encarna a ideia de beleza perfeita: ao contrário, a deformidade do corpo diabólico configura, por sua monstruosidade, a negação da ordem que a criação introduziu no caos para fazer dele um cosmos (segundo Dioniso, o Cartuxo, em pleno século XV, a primeira pena dos condenados é sua feiura, sua desfiguração *post mortem*, sua deformidade, cuja visão recíproca aumenta a dor deles). Mas, através da perfeição do corpo do homem – Deus, a tradição cristã dá também todo seu peso à dualidade do sentido ligado ao termo “corpo”: *corpus*, parte material da alma animada, mas também depois da morte, o que resta do vivente, seu corpo, seu cadáver – e, por conseguinte, em vida, o corpo, lugar desta morte prometida que o pecado introduziu na criação (CORBIN; COURTINE; VIGARELLO, 2008, p. 543, v. 1).

O corpo era considerado na Idade Média como fonte de pecado; criou-se o corpo como questão da punição do ser e o pecado como negação do ser. O corpo e o amor não caminhavam juntos neste período. O amor carnal não representava o homem e a mulher como amantes sobre uma folia do corpo, no qual a busca da representação do corpo se dava pela doutrina religiosa. Desta forma, o prazer que torna consciente é punido pelo inconsciente, que o reprime. As expressões corporais significam o cultural, o social, o período histórico ou até mesmo a ideologia do período, que o trazem como corpo, como ser ou mesmo punição. A representação divina será atribuída ao humano, pois nele se vê ou se cria a imagem de um Deus em forma humana, com corpo e poderes. Esta forma de admiração divina aliena o pensamento, representa seu consciente e cria suas verdades indiscutíveis. Tanto a liberdade do corpo como a condenação dependerão dos discursos, sendo que estes irão mudar somente o pensamento e a interpretação, mas não a negação.

O amor será divino; a mulher e o homem, seus representantes diretos na Terra, irão buscar seus deveres, seus direitos. A busca da retórica se baseia na sua conduta religiosa. Os pensamentos sempre irão circular ao entorno da divindade que irá pregar sua penitência por ter vindo ao mundo e a este deve não entendê-lo, mas sim interpretá-lo conforme a vontade divina. Segundo Foucault, podemos interpretar a loucura como uma materialidade da alma. “Essa ilusão pode curar do ilusório enquanto somente a razão pode libertar do desatino. Qual é, assim, esse poder perturbador do imaginário?” (FOCAULT, 2010, p. 329). Ele ainda acrescenta:

A encenação realiza o objeto delirante, mas não pode fazê-lo sem o exteriorizar, e se ela dá ao doente uma confirmação perceptiva de sua ilusão, ela o faz apenas libertando-o pela força. A reconstituição artificial do delírio constitui a distância real na qual o doente recobra a liberdade. (FOCAULT, 2010, p. 331)

3. CORPO E SACRIFÍCIO

O objetivo deste capítulo é estabelecer a relação existente entre corpo e sacrifício e explicitar de que modo essa relação pode se tornar espetáculo para admiração pública. Para tanto, primeiro apresenta-se o que significa o ritual de autossacrifício do corpo e, depois, relaciona-se este sacrifício corporal ao espetáculo.

3.1. O significado do ritual de autossacrifício do corpo

O sacrifício dá um significado transcendental ao corpo, pois remete à ideia de consagração do domínio comum ao domínio religioso. Dessa forma, o corpo torna-se consagrado. No ato sacrificial, a coisa consagrada, que seria o próprio corpo, serve de intermediária entre o sacrificante e o destino ao qual se sacrifica. O corpo faz a mediação entre os homens e os deuses.

São Francisco de Assis, penitente, Franciscano, seguidor das leis de Cristo, é citado por Martino Alba:

Sem dúvida, as ilusões da necessidade de seguir as pegadas de Cristo cobram um valor especial em ditos escritos franciscanos. Entre as cartas aos fiéis, tem uma que se dirige a aqueles que não praticam a penitência, e os que dizem que não são prisioneiros do diabo, sendo que não vêem a verdadeira luz (PILAR, 2010, p. 51).

Como o sacrifício tem a intervenção de um ato religioso, Mauss identifica o autor deste ato como um interventor religioso que tem o poder de demonstrar o caráter deste ato e, assim, dar o verdadeiro sentido simbólico. O rito do autossacrifício tem de ter a entrada do sacrificante e todo o acompanhamento a partir do momento da ordem. “É preciso que todas as operações de que se compõe se sucedam sem lacuna e estejam em seu lugar”, pois todo este movimento que impressiona os que são sacrificados e os que sacrificam tem de ocorrer de uma forma que ao mesmo tempo satisfaça ambos e, se caso houver, a impressão de quem assiste ao ato sacrificial, que “devem ter uma confiança inabalável no resultado automático no sacrifício” (MAUSS, 2005, p. 34).

Quando ocorre este ato, natural aos olhos de um período histórico, a atenção ao natural se atenta ao movimento contrário, sendo que o contrário seria o não cumprimento de tal ato. Em se tratando de obedecer a deuses e, ao mesmo tempo, a

outros humanos que assumem lugares de deuses, o verdadeiro papel humano seria a representação por obediência e verdade.

No entanto, Sidman esclarece que todo o ambiente para que isto ocorra tem de ser hostil, com as leis da natureza, e que temos que tomar precauções.

Nossa conduta segue leis gerais, que são independentes do caráter pessoal ou impessoal daquele e da intenção ou falta de intenção daquele que coage. Reagimos a sinais de alerta do ambiente inanimado exatamente como fazemos com relação à coerção imposta por nossos companheiros; tendemos também a personificar a natureza, ainda que apenas em nossa linguagem (SIDMAN, 2009, p. 35).

Segundo Tylor, “o sacrifício é originalmente uma dádiva que o selvagem faz a seres sobrenaturais aos quais se convém originar” (apud MAUSS, 2005, p. 8). Assim, ele explica que, quando os Deuses se afastaram dos homens, os homens sentiram a necessidade de uma forma contínua de comunicação e que a forma que encontraram foi por meio dos ritos sacrificiais, “celebrando a seres espirituais e a coisas espiritualizadas. A evolução fez o rito passar dos presentes do selvagem ao sacrifício de si” (2005, p. 8).

Conforme Mauss descreve, o antigo trecho bíblico “exigia que todo sangue fosse consagrado a Deus, mesmo dos animais mortos na caça” (MAUSS, 2005, p. 135, n. 201).

O sacrifício produziu na mitologia muitos deuses, que pertenceram à imaginação religiosa. Estes mostraram suas identidades e suas marcas deste período, criando os descendentes. Mauss descreve da seguinte forma: “*o mito reage sobre o rito do qual saiu e nele se realiza*”. O sacrifício de Deus, como ocorreu nas mitologias, foi a evolução do sistema. As religiões a utilizam e estas práticas ainda vivem. O homem as utiliza desde o sacrifício agrário, que era o sacrifício animal, ao sacrifício humano, manifestado como a sua plenitude, quando este, a partir da mitologia, é a sua maior expressão ao sacrifício de Deus. Mauss, então, afirma que para que o sacrifício de Deus seja possível, para que se torne realidade, “é preciso que ele ainda tenha toda a sua natureza divina no momento em que entra no sacrifício, para tornar-se ele próprio vítima” (MAUSS, 2005, p. 87).

O criar da divindade é obra de sacrifícios anteriores; a figura do cordeiro Pascal, vítima do sacrifício agrário ou rural, insiste dentre os homens e serve para designar Cristo, isto é, Deus. O sacrifício forneceu os elementos da simbólica divina. O sacrifício do redentor se transforma na missa diária, pois sua eficácia foi transformada do mundo

físico para o mundo moral. Então, Sidman explica que, se ignorarmos a realidade, o controle comportamental simplesmente acontecerá; os controles exercerão o controle a sua maneira (SIDMAN, 1989, p. 47).

Dessa forma, significa que o homem cria o seu próprio homem dentro do homem. A natureza sem expressão com esta linguagem humana não persiste à representação, pois o caos e o perfeito não são criações da natureza, mais sim criações de grupos ou de homens que acreditam que, assim, consigam resistir ao tempo. O homem acredita que por meio de seu corpo e de representações atinja a um ser que ele mesmo busca dentro dos seus próprios reflexos que por ele é entendido. Mauss, no seu livro *Sociologia e antropologia*, diz simplesmente que “o corpo é o primeiro e o mais natural instrumento do homem. Ou, mais exatamente, sem falar de instrumento: o primeiro e o mais natural objeto técnico, e ao mesmo tempo meio técnico, do homem é o seu corpo” (MAUSS, 2003, p. 407).

Para Nietzsche, trata-se de discutir o sacrifício do corpo como negação da vida e afirmação da alma em um ato religioso de expressão da submissão humana aos deuses.

A negação da vida chega ao seu limite quando, a duras penas, um silêncio sepulcral é imposto à vida. Nietzsche inverte as coisas, ou melhor, ele inverte os valores e substitui o corpo, tal como é apreendido de modo claro e distinto no interior do discurso da representação e da religião. Pelo corpo vivo (CARDIM, 2009, p. 74).

A negação da realidade é muito apreciada pelo poder dominante. O mesmo movimento que cria uma realidade diferente dos fatos ocorridos poderia ser reconhecido como mito das causas. O homem cria ferramentas que negam o seu eu verdadeiro, não procurando dentro dele mesmo o real desejo, agindo como um míope pelos acontecimentos reais, sendo assim um grande observador do grande espetáculo da história humana.

O mesmo movimento que assusta traz a paz. Esta mesma dor significa o próprio ídolo desfragmentado, punido e ensanguentado. O teatro que acabou sendo tolerado pela Igreja Católica na Idade Média agora não mais seria um palco, mas um sistema de sistemas simbólicos que serviriam apenas como construções de uma espécie de realidade.

Estes sistemas simbólicos, conforme Bourdieu, “só podem exercer um poder estruturante porque são estruturados” (BOURDIEU, 2010, p. 9). É como se todo o ambiente da representação servisse somente para que se tivesse aquele mesmo

movimento da realidade dos fatos. A isso Durkheim “chamou de *conformismo lógico*, quer dizer, uma concepção homogênea do tempo, do espaço, do número, da causa, que torna possível dentre todas as inteligências” (apud BOURDIEU, 2010, p. 9).

O ritual da Irmandade dos flagelantes, conforme Frierdrich demonstra, era como uma disciplina rigorosa a qual eles mesmos se submetiam, sem um líder isolado. Segundo Frierdrich, tinha a seguinte formação:

Desfilavam aos pares, os homens separados das mulheres, e, à medida que esse desfile serpeante de penitentes aproximava-se de uma cidade, os sinos das igrejas tocavam e todos os cidadãos se reuniam para assistir ao espetáculo(...). Eles marchavam descalços. Usavam roupas de baixo de linho branco e mantos na cor negra penitente, nos quais eram costuradas cruces vermelhas. Traziam a cabeça coberta por capuzes, encimados por chapéus de feltro verde. Levavam bandeiras de veludo purpura, que também exibiam o emblema da cruz. Nunca falavam, mas cantavam quase sem parar (FRIERDRICH, 2000, p. 160).

No entanto, no filme de Bergman, “O Sétimo Selo”, assistimos a homens e mulheres caminhando juntos, se flagelando. Utilizavam a roupa negra, porém sem o uso de chapéus, e não somente cantavam, já que o que comandava o grupo conversou. Percebem-se as alterações no texto de Frierdrich, pois, na cidade de Barbalha, os penitentes, não caminhavam aos pares, mas em um grupo de doze homens, que vestiam não somente a roupa negra, utilizavam paramentos na cor branca (alguns grupos), azuis e vermelha. Utilizavam capuzes como os penitentes citados por Frierdrich, que, tampando o rosto inteiro, se escondiam da identidade pública. A cruz era a representação do seu cruzeiro, ou cruz, pelo grupo, carregada pelo primeiro diácono, representando também a cruz de Jesus. Estes grupos também não conversavam na prática do ritual de penitência, cantavam seus louvores. Conversavam somente no momento da esmola, que também fazem parte do ritual, mas não da penitência. As mulheres participavam somente quando estes estavam dentro da Igreja ou caminhavam separadas do grupo. Elas não participavam aos pares, mas também cantavam os benditos, no entanto não como penitentes.

3.2. O sacrifício como espetáculo

O mesmo Deus, agora cadáver pendurado em uma cruz, trazia ao mesmo tempo o ato e o espetáculo do corpo sacrificado. Não foi difícil para os humanos, por meio das

formas de um poder simbólico, creditar aquele ato a um espetáculo que, mesmo silencioso, criou muito ruído. O corpo é agora sentido como o objeto de admiração da fé.

A definição de espetáculo utilizada neste artigo é a de Debord, que afirma que “o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens” (DEBORD, 1997, p. 14). Dessa forma, todo esse espetáculo representado pela relação social das pessoas vai ao encontro do eixo central da missa. A presença do “corpo de Cristo na hóstia durante o sacrifício da missa” (CORBIN; VIGARELLO, 2008, p. 43) é representada no imaginário dos fiéis como a imagem e o corpo do filho de Deus. Existe então uma função de poder e dominação combinada com o imaginário social. O cristão que crê, que segue ou é imposto a fazer começa a viver de uma forma indireta a aceitação do ato da missa e todo o seu movimento; assim, ao engolir aquele objeto simbólico, passa a incorporar este mesmo corpo divino.

Debord, ao tratar da origem do espetáculo, afirma que: “a origem do espetáculo é a perda da unidade do mundo” (DEBORD, 1997, p. 23). O espetáculo nada mais é do que uma linguagem comum dessa separação, que pode ser a separação do homem de Deus, o corpo separado da alma. “O que liga os espectadores é apenas uma ligação irreversível com o próprio centro que os mantém isolados. O espetáculo reúne o separado, mas o reúne como separado” (DEBORD, 1997, p. 23), da mesma forma que a religião religa o homem a Deus e o sacrifício do corpo o reúne à alma.

De acordo com Debord, as religiões monoteístas foram o compromisso entre o mito e a história, entre o tempo cíclico que ainda dominava a produção e o tempo irreversível em que se enfrentavam e se recompunham os povos. As religiões procedentes ao judaísmo são o reconhecimento universal abstrato de um tempo irreversível democratizado, aberto a todos, mas ilusório. O tempo é todo orientado para um único acontecimento final: “o reino de Deus está próximo”. O tempo irreversível que invade a sociedade é sentido pela consciência ligada à antiga ordem, sob forma de uma obsessão de morte. As representações que surgiam faziam memória a algo que era sempre lembrado e nunca se julgava sua barbárie ou seu erro, somente se comunicava o suplício do corpo e sua história como algo a ser justificado para o indivíduo como posse deste bem para o nosso bem. Este mesmo corpo, que crucificado obteve passagens e espetáculos dentro de um período da história, atualmente se passa como um movimento de “liberdade”. Nesse episódio, no entanto, o corpo se mostra como um julgamento do erro, e a penalidade a este erro se demonstra por meio do espetáculo da morte. Era como se o caminho da vida somente se corrigisse com a morte ou a presença de um Deus do

período. A vingança era o próprio corpo. A flagelação do corpo, como descreve Le Goff, após o espetáculo do Cristo sofredor, se manifesta por iniciativas dos leigos e, em particular, das confrarias de penitentes. É o caso de Perugia, em 1260, no qual os leigos organizam uma procissão expiatória ao longo da qual os participantes se flagelam publicamente. A manifestação obtém um grande sucesso e se espalha pela Itália central e setentrional.

Martin-Barbero diz que “as imagens foram desde a Idade Média o *livro dos pobres*, o texto em que as massas aprenderam uma história e uma visão do mundo *imaginadas* em chave cristã. A partir disso, no século XV, a Igreja é grande distribuidora de imagens, sendo que estas são associadas a determinadas devoções que exigiam a presença de uma determinada imagem para cumprir seu efeito” (MARTIN-BARBERO, 2008, p. 158-9). A Igreja, para manter a dominação, utiliza imagens e objetos simbólicos para facilitar a comunicação e a compreensão dos seus fiéis. A missa é, assim, um espetáculo repleto de imagens, e a principal imagem é do Cristo crucificado.

Além da missa, outro exemplo interessante que fez do sacrifício do corpo um espetáculo é a chamada Irmandade Flagelante.

4. O RITUAL RELIGIOSO DE AUTOFLAGELO DO CORPO COMO COMUNICAÇÃO

O objetivo deste capítulo é resgatar a tradição do corpo sacrificado no teatro e na Irmandade Flagelante da Baixa Idade Média como forma de comunicação espetacular por meio de pesquisa historiográfica.

4.1. O Teatro e a Irmandade Flagelante na Europa Medieval

O teatro irá demonstrar o divino como forma terrena, irá trazer o pensamento como forma da visão e do imaginário social. As representações serão como um dilúvio de ideias que ao mesmo tempo irá acender em cada humano o seu lado corpo e o seu lado eu. O teatro, além de informar, em certos momentos da história irá divertir, universalizar as ideias e acorrentar o pensamento. A história do teatro europeu inicia-se em Atenas, na cidade de Acrópolis. Berthold diz que “a Ática é o berço de uma forma de arte dramática cujos valores estéticos e criativos não perderam nada da sua eficácia no período de 2.500 anos” (BERTHOLD, 2011, p. 103).

Este teatro tem origens de dar e receber, como ações recíprocas nas quais ligam os homens aos deuses e os deuses aos homens. Estes são feitos por meio de rituais de sacrifícios, dança ou culto. São festas homéricas que eram homenagens ao deus do vinho, da vegetação, do crescimento, da procriação e da vida exuberante. Este Deus era Dionísio, a encarnação da embriaguez e do horror, fonte da sensualidade e da crueldade, que incorporou a dança e o canto. Quando estes rituais se desenvolvem, resultam na tragédia e na comédia, tornando Dionísio o Deus do teatro. Neste teatro, os espectadores não somente assistiam, mas participavam e compartilhavam o conhecimento mitológico “para honrar os deuses, em cujas mãos impiedosas estão o céu e o inferno” (BERTHOLD, 2011, p. 104).

A sátira, que se atreveu a zombar dos sentimentos sublimes, era um anticlímax, era como integrante das comédias dionisiacas, porém o relaxante do demasiado humano. Então, Sófocles criava a imagem de homens a Deuses em marfim, mármore ou bronze, com almas às suas personagens, considerando que o sofrimento é a dura forma de “conhece-te a ti mesmo”.

Em contradição com a doutrina socrática de que o conhecimento é expresso diretamente na ação, Eurípedes concede as suas personagens o direito de hesitar e duvidar. Descortina toda a extensão dos instintos e paixões, das intrigas e conspirações. Sua minuciosa exploração dos pontos fracos na tradição mitológica lhe valeu agudas críticas de seus contemporâneos. Acusaram-no de ateísmo e da perversão sofista dos conceitos morais e éticos (BERTHOLD, 2011, p. 110, 2011).

O teatro antigo era aplaudido com salva de palmas ou, se não fosse de agrado, com batidas com os pés no chão. A liberdade da opinião foi utilizada muito amplamente, criando um dos elementos mais criativos do teatro.

Não podemos nos esquecer de que a tragédia antiga era uma ação ritual e, por essa razão, acontecia não tanto no palco quanto na mente das pessoas. O teatro e o público eram circundados por uma atmosfera extrapoética, a religião (Apud BERTHOLD, 2011, p. 114).

Eurípedes ficou conhecido pelo eciclema, no qual sua invenção se tornou vocabulário em todo o mundo ocidental como *deus ex machina*, o deus descido da máquina. Era como um conjunto cênico de um movimento divino que vinha de cima, e este descia como se estabelecesse um contato. Este mesmo eciclema exhibe o sangue e exhibe o terror.

Entretanto, Roma, mesmo após o declínio grego como seu modelo de teatro, era considerado um estado militar, no qual até mesmo os deuses estavam sujeitos ao Estado, sendo que este se apossou dos deuses olímpicos da Grécia. O teatro Romano fundamenta-se no mote político – pão e circo.

4.2. O mimo Cristológico

“A arte pura unia-se o grotesco, a imitação de tipos e a caricatura de homens e animais, de seus movimentos e gestos. O chiste verbal, somado a estas proezas sem palavras, físicas, levou às primeiras e breves cenas improvisadas. Era o início do mimo primitivo. Seu alvo era a imitação” (BERTHOLD, 2011, p. 136).

O *Mimus*, segundo Berthold, “é como uma linha que vai dos primórdios da Antiguidade, através de Roma e Bizâncio, até a Idade Média” (BERTHOLD, 2011, p. 169).

A Igreja Cristã, por mil anos, sempre foi severa ao espetáculo, o que a levou a criar, então, uma forma própria de teatro, baseando-se em fatos reais. Além disso, ela sempre foi contra os mimos por eles sempre terem sido contra os fundamentos cristãos nos palcos. As representações dos mimos eram cortejadas no passado, porém, quando a Igreja assume o poder, os atores que representavam os mimos agora respondiam ao anátema da Igreja.

Berthold demonstra o mimo cristológico:

Uma religião cujo redentor sofrera, sem reclamar, a morte mais ignominiosa, destinada aos criminosos comuns, estava de qualquer maneira destinada ao escárnio da população já que não era protegida pelo Estado. O mimo adulava igualmente os governantes e o povo (BERTHOLD, 2011, p. 169).

Os mimos não utilizavam máscaras, não necessitavam de nada; somente a eles se atribuíam a arte e a imitação em representar sua *mimesis* e ridiculizavam a Igreja Cristã.

Assim, Nietzsche complementa: “sou um discípulo do filósofo Dionísio, prefiro ser um sátiro a ser um santo” (NIETZSCHE, 2011, p. 11).

A arte de rir e de provocar o riso é que traz o mimo a sua popularidade em Roma. Eram homens e mulheres comuns com suas próprias vestes que subiam ao palco representando eles mesmos. Estas pessoas comuns foram cortejadas pelo público, porém, depois desse período em que eram permitidas essas celebrações populares, a Igreja Cristã se torna presente e assume o controle dessas manifestações determinando os comportamentos e as representações que seriam permitidas nesses mimos, agora cristológicos.

O mimo cristológico foi a intervenção que a Igreja Cristã fez agindo com severidade a todas as formas de espetáculo, até criar uma forma própria de teatro.

O mimo não fazia diferença entre parodiar os deuses antigos e expor ao ridículo os seguidores de uma nova fé. O batismo, com seu cerimonial característico, que expressava de forma visível a conversão ao cristianismo, era um tema. Parodiava-se aquilo que não se conseguia entender. Zombava-se daquilo que, em outros aspectos, estava além da compreensão da massa” (BERTHOLD, 2011, p. 167).

É sugerido por Hermann Reich, citado por Berthold, especialista em *mimus*, que até mesmo o martírio de Cristo, a flagelação e o *Ecce Homo* sejam uma derivação direta do mimo.

Há uma descrição do que acontece no teatro, citando Crisóstomo:

Um mito ou uma velha lenda serve para a representação, e é reproduzido por imitação, diante dos nossos olhos. O que corresponde à história é representado da seguinte maneira: os atores usam figurinos e máscaras. Na orquestra, penduram-se cortinas que representam uma cidade e a coisa é toda tão fiel à natureza que o público pensa estar tratando de um milagre (Apud BERTHOLD, 2011, p. 175).

O teatro da Idade Média não foi tão cinzento ou monótono, somente não foi tão clássico. O ponto mais importante na representação foi o serviço divino das festas cristãs: a Páscoa e o Natal. O altar, então, se torna o cenário do drama. Mas somente cinco séculos após a adoração da cruz levavam ao mistério. Conforme Karl Vossler, “não foi o conflito trágico entre Deus e o mundo, mas antes a submissão do mundo a Deus”.

Subsequentemente, uma vez que o mundo estava seguro em termo de igreja, ele (o problema) se deslocou mais e mais para a questão da compatibilidade formal entre o caráter eclesiástico, ritual e litúrgico da ação principal e acréscimos e interlúdios profanos. Por todo o mundo ocidental, a história da representação religiosa é a de uma progressiva dramatização teatral do sacramento. Assim, como resultado, o palco divorciou-se do elemento divino e tornou-se inteiramente terrenal – quer esse caminho levasse, como na Itália, a uma resultante lírica e melodramática, ou, como na Espanha, a uma de caráter nacionalista e militar, ou ainda, como na França, a uma alegoria didática ou a uma diversão anedótica. Em toda parte, a evolução termina com um espetáculo amplo, espaçoso e de alcance suficiente para encampar toda a riqueza dos interesses e preocupações do mundo (Apud BERTHOLD, 2011, p. 186).

Dessa forma, o ponto de partida era disseminar o uso da cruz como instrumento, como o ato da redenção, e a reprodução em atos da crucificação e da ressurreição, nos quais a vitória da luz divina se sobressaia às trevas. A cruz ganhava mais proeminência, mas ela teria de estar mais visível para os fiéis.

A sequência de adoração pascal da cruz acompanhava os passos da Paixão. Depois da *Adoratio Crucis*, na manhã de Sexta-Feira Santa, segue-se, à tarde, a *Depositio Crucis*, a colocação da cruz coberta sobre o altar. Os sinos

permanecem em silêncio até a manhã de Páscoa. A *Elevatio Crucis*, a elevação da cruz, anuncia a todos a Ressurreição (BERTHOLD, 2011, pp. 186-189).

Este uso do simbolismo da cruz remonta ao século XII, o qual trouxe a primeira interpretação do evangelho.

O século seguinte traz grandes inovações para o teatro. Cristo, que até o momento havia prestado somente como símbolo, aparece agora falante, como ator, trazendo a adaptação dos textos litúrgicos. Esta presença de Jesus abre caminho para outras representações de acontecimentos. Berthold cita que “a descida de Cristo ao inferno estabelece uma ponte entre a Redenção do novo testamento e a história da criação no velho testamento” (BERTHOLD, 2011, p. 198).

Os aspectos organizacionais do teatro medieval desenvolveram-se sobre o mesmo plano que a superestrutura teológica e didática. Embora o clero haja perdido o controle sobre as cada vez mais numerosas representações profanas, os flagelantes e as corporações religiosas tinham ambições similares (BERTHOLD, 2011, p. 200).

Os espetáculos teatrais deveriam ser proibidos nos feriados santos, por uma decisão de Teodósio II, porém, na igreja bizantina, as celebrações teatrais que trouxessem os cantos, aclamações dramáticas e evocações de profetas aos poucos satisfaziam os espetáculos de massa. A celebração da Páscoa tornou-se o embrião do drama cristão, que desta forma serpenteava um cortejo cristão.

Na corte de Bizâncio, também houve, conforme a descrição de Liutprando, o auto gótico de Natal, que também seria um espetáculo de Natal em homenagem ao nascimento de Cristo.

Segundo Friedrich, “os flagelantes começaram como uma espécie de ordem monástica, um tipo de cruzada. Empenhavam-se nessas peregrinações por períodos de 33 dias e meio, numa recriação simbólica dos anos de perambulação de Cristo na Terra” (FRIEDRICH, 2000, p. 162).

A Irmandade Flagelante foi um movimento religioso que surgiu em 1349, no período da Baixa Idade Média, a partir do evento da Peste Negra, que durou de 1347 a 1350.

A Irmandade dos Flagelantes surgiu primeiro em Dresden, eles desfilavam aos pares, os homens separados das mulheres, e, à medida que esse desfile serpeante de penitentes aproximava-se de uma cidade, os sinos das igrejas

tocavam e todos os cidadãos se reuniam para assistir ao espetáculo (FRIEDRICH, 2000, p. 160).

A Peste Negra devastou a Europa e assolou a loucura, no qual homens e mulheres andavam a esmo, como loucos. A Peste avançava devastando corpos por onde passava. Sua fúria era tamanha que em um único dia chegou-se registrar até 1.200 mortes. Buscando uma explicação religiosa para esta peste que aterrorizava a população, surgiu a imagem de uma Virgem apresentada como um fogo azul pestilento que sobrevoava a cidade.

Começa agora a ser espalhada como a *Pest-Jungfrau* (Virgem da peste) pelos vienenses, que podia ser vista sobrevoando a cidade, sob uma forma de chama azul(...). Em certa ocasião, disseram que uma bola de fogo pestilenta desceu sobre a cidade, mas o bispo foi exorcizá-la e depois ergueu-se neste mesmo local uma estátua comemorativa da Virgem Maria (FRIEDRICH, 2000, pp. 158-159).

Em conformidade com a doutrina cristã regida pelo princípio da culpa e do castigo, a humanidade sentiu-se culpada pela Peste, portanto, a salvação somente viria se a humanidade expiasse sua culpa. Tornava-se necessário o suplício religioso do corpo, que tinha precedentes com os Anacoretas, que no início da era Cristã faziam do seu movimento uma espécie de culto. Essa tradição de punição e suplício do corpo ressurgia constantemente em várias comunidades monásticas.

A primeira demonstração pública de autoflagelação, como meio de aplacar a ira divina, foi feita por um eremita peregrino chamado Raniero, em 1260, segundo Friedrich (2000, p. 159). Essa estranha prática logo se espalhou por toda a Itália, que também vivia uma época de fome e de pestilência. Além disso, segundo as profecias amplamente divulgadas de Joaquim de Fiore, esse seria o ano apocalíptico em que o mundo estava fadado a passar pelo reinado do anticristo e entrar em sua terceira e última fase, a Era do Espírito Santo. Entretanto, nada aconteceu e o ano passou relativamente sem incidentes, o que amorteceu a febre da expectativa de necessidade de sacrifícios para a salvação do fim do mundo. Mas a flagelação do corpo acaba por sobreviver no norte dos Alpes, como um ritual meio escondido e quase herético. Com a chegada da peste, deixa de ser um ritual furtivo e passa a ser um espetáculo público.

A Irmandade Flagelante forneceu o espetáculo, no qual o seu movimento acompanhado de toda uma ordem (ritualística) teria toda uma forma da demonstração da dor, manifestando-se por meio da punição do corpo e pelo corpo. Faziam parte destes

grupos pessoas que não participavam de uma realidade social, como aleijados, defeituosos, baixos de estatura, etc. Por onde eles passavam, havia a junção do religioso com o espetáculo do sacrifício e não traziam somente o sofrimento, mas carregava frases, além do corpo punido. Eles confortavam e ao mesmo tempo demonstravam a dor, cantavam e paralisavam olhos e ouvidos, sendo que a dor era o próprio espetáculo e, pela intervenção religiosa, dava-se o crédito ao sofrimento.

Homens e mulheres se açoitavam para penalizar o corpo que os tinha levado ao pecado. A peste se fez presente nesse período anterior ao “Apocalipse”, em que ocorre o movimento em que se flagela o corpo se chicoteando. A flagelação neste período era uma reprodução da crucificação de Cristo, servindo como comunicação do único e maior modelo do perdão. Este modelo tornou-se um movimento do sangue, imitado, tornando-se um espetáculo que o próprio corpo faria através do seu sangue retirado. Quanto mais sangue, mais penitência ao corpo, e assim maior o resultado.

5. A IRMANDADE DA CRUZ NO BRASIL CONTEMPORÂNEO: OS PENITENTES DE BARBALHA -CE

O objetivo deste capítulo é apresentar e analisar um exemplo brasileiro contemporâneo, em que o sacrifício do corpo, na forma de ritual religioso de autoflagelo, se mostra como processo de comunicação. Para a contextualização do fenômeno objeto desta pesquisa, aborda-se por meio de pesquisa bibliográfica da questão do catolicismo popular. Por meio de pesquisa documental e entrevistas, analisa-se o tipo de comunicação que acontece no autoflagelo e a penitência do corpo como ritual religioso na Irmandade da Cruz do Ceará da atualidade, especificamente, os penitentes de Barbalha - CE.

Também é feita análise do documentário de 2007, do SBT, sobre os penitentes de Barbalha, na busca de elementos que contribuam para a compreensão deste fenômeno específico, bem como coleta de documentos e entrevista com dois penitentes remanescentes do grupo.

5.1. Catolicismo popular e penitência

É então, e somente então, que se codificou todo esse cerimonial onde se reúnem, com uma mesma intenção purificadora, as chicotadas, os medicamentos tradicionais e o sacramento da penitência. A intenção do castigo, e do castigo individual, torna-se então bastante precisa. O flagelo perdeu seu caráter apocalíptico: ele designa, de modo bastante localizado, uma culpabilidade. Mas ainda, o “grande mal” só exige esses ritos de purificação porque se origina nas desordens do coração, e porque pode ser assimilado ao pecado definido pela intenção deliberada de pecar. O regulamento do hospital Geral não deixa de substituir equívoco algum (FOUCAULT, 2010, p. 85).

Na cidade de Barbalha, no sertão do Cariri, pessoas comuns representam o movimento penitente, assumindo por meio de suas vestes, seus instrumentos e cantos uma nova conduta, um pensamento. São pessoas geralmente ágrafas, que participam muitas vezes pela tradição herdada de pai ou de avô, ou até mesmo influenciadas pela cultura que as mantêm pertencidas. Carvalho fala sobre o catolicismo popular, já tema de pesquisa de outros estudos:

Autores como Hoonart (1982;1988;1997), Oliveira (1985;1988), Steil (1996); Rolim (2001), entre outros, já revelaram a presença marcante de imagens, ritos e símbolos presentes no catolicismo popular tradicional, conceituando-o como sendo um cristianismo anterior ao clericalismo, tendo como característica marcante o acesso direto ao sagrado, sem mediações, possuidor de um imaginário imediatista religioso onde o poder divino é convocado para a resolução de grandes e pequenas crises cotidianas (secas, doenças, etc.). Na análise de Oliveira (1988), a oposição entre ‘popular’ e ‘erudito’ remete para o modo de produção simbólica, diferenciando a autoprodução subjetiva e coletiva da produção do especialista religioso.

O ritual da penitência, nesta mesma cidade, difere-se da violência que frequentemente se demonstra em outros rituais de autossacrifício encontrados em outras culturas ou mesmo em outras épocas e períodos. O ritual para alguns homens, e inclusive pela tradição, reserva-se somente ao sexo masculino e não reconhecem a mulher como apta para a penitência. Estes mesmos homens mantiveram, nesta cidade, a tradição do segredo com a esposa, família e vizinhos, reservando-se como penitente por vocação e não para ser um modelo a ser seguido. Além disso, segundo eles, a penitência é realizada por homens porque a mulher “não consegue suportar a dor” e por este ser também o sacrifício de Jesus, sempre citado como o “grande Salvador” ou como “aquele que morreu por nós”. Estes são diálogos frequentes neste grupo, que com seus cantos levam a penitência muito a sério, sendo o molde da forma como Jesus quer que seja feito. Os penitentes, quando não são chamados para rezar ao pé da cama de algum enfermo, levam a vida normalmente como qualquer cristão, homem ou religioso. Porém, conforme os mais conservadores que faziam parte do grupo (já falecidos), mantêm regras de condutas para um penitente, como não beber, não fumar, não fazer nada ou ter pensamentos que vão contra ao pensamento penitente. Tais ordens são repassadas aos novos membros, como os cantos, os instrumentos e costumes, a lei, tudo de um modo formal, explicado pela tradição da oralidade. Assim, não se admite o erro em um dia da procissão. Apesar desta tradição hoje ter se tornado pública, no início somente os penitentes se reuniam e todos os mesmos que participavam estavam entre eles. Assim, o erro era logo entendido pelo companheiro que o auxiliava com o ritual, sendo no momento da penitência, do cruzeiro ou mesmo do canto.

O início desta ordem de penitentes na região do Cariri é creditado de formas diferentes. Existem nesta região alguns grupos isolados, como o do Sítio Lagoa e do

Sítio Cabeceiras que relutam para manter a tradição, que, “é a maior preocupação de todos eles, no qual a tradição esta terminando e os jovens não estão dando sequência”.

Estes dois grupos destas comunidades, fazem parte de uma representação católica não ortodoxa, possuindo uma vertente da religiosidade popular. O catolicismo popular são práticas do desvinculadas da religião oficial, formando em um grupo, uma reflexão na forma de ver o sagrado, seguem portanto, uma religiosidade popular.

Religiosidade popular é o conjunto de representações e praticas religiosas dos católicos que não dependem da intervenção da autoridade eclesiástica para serem adotados pelos fieis. Essas práticas se alimentam dos usos oficiais sendo recriadas. Ainda conforme Oliveira, o catolicismo popular absorve elementos do catolicismo oficial, seus significantes, porém dar-lhes uma significação própria que inclusive pode opor-se à significação que os especialistas oficialmente lhe atribuem (BEZERRA, 2001, p. 8).

E complementa Paulo Guenter Suess com uma pergunta de Michel de Certeau em um artigo notável: “a cultura popular – existe ela em outro lugar a não ser no ato que suprime?”. O problema da cultura popular surge apenas em assim ditos “círculos cultos” que, vendo com surpresa o que fizeram desaparecer, agora querem salvar as suas últimas ruínas. Em analogia com isto, seguramente se pode dizer que as questões acerca da igreja popular e do catolicismo popular não foram perguntas do próprio povo, mas designam uma nova consciência de um problema da Igreja oficial como “problemas pastorais” (SUESS, 1978, p. 17).

Entretanto, através da historia do pensamento, Foucault diz que

se ela unisse, continuamente, encadeamentos que nenhuma análise poderia desfazer sem abstração, se ela tramasse, em torno do que os homens dizem e fazem, obscuras sínteses que a isso antecipam, o preparam e o conduzem, indefinidamente, para seu futuro, ela seria, para a soberania da consciência, um abrigo privilegiado. A história contínua é o correlato indispensável à função fundadora do sujeito: a certeza de que o tempo nada dispersará sem reconstituí-lo em uma unidade recomposta; a promessa de que o sujeito poderá, um dia – sob forma da consciência histórica –, se apropriar, novamente, de todas essas coisas mantidas a distância pela diferença, restaurar seu domínio sobre elas e encontrar o que se pode chamar sua morada. Fazer da análise histórica o discurso do contínuo e fazer da consciência humana o sujeito originário de todo o devir e de toda a prática são as duas faces de um mesmo sistema de pensamento (FOUCAULT, 2013, p. 15).

A expressão religiosa dos Penitentes da Cabeceira, no sertão do Cariri, é uma manifestação religiosa de um catolicismo popular, presente na cultura brasileira.

5.2. Documentário do SBT: A reportagem e a descrição dos penitentes de Barbalha



Reportagem do programa do canal SBT, exibido em 02/08/2010.

Link YOUTUBE. <http://youtu.be/IKnkjBQQqhc>; Vídeo 1.

FIGURA 3 – PENITENTES CAMINHAM COM O CRUZEIRO, APÓS A SAÍDA DA IGREJA

Todas as sociedades e culturas do mundo têm estabelecido seus espaços e seus templos sagrados em oposição ao profano, que significa o natural, o cotidiano da vida do homem. Dessa maneira pode-se dizer que o sagrado e o profano constituem duas modalidades de estar no mundo, duas situações existenciais assumidas pelo homem ao longo de sua história. Dentro dessa concepção do homem religioso, existem intervalos de tempo sagrado, o tempo das festas (FREIRE, 2009, p. 246).

Os dois grupos restantes da cidade de Barbalha, o Sítio Lagoa, liderado pelo Olímpio, e o Sítio Cabeceiras, hoje liderado pelo Chico Severo, são apresentados como

o grupo dos penitentes de Barbalha no ano de 2007, na reportagem do programa SBT Repórter, episódio denominado como “Os prazeres da carne”. São demonstrados no programa, nas partes 1/4 e 2/4, os dois grupos desta cidade, discutidos neste trabalho.

Para se fazer uma interpretação do filme, a reportagem do SBT participou no dia da apresentação dos penitentes na Semana Santa, na cidade de Barbalha. Dessa forma, acompanharam os penitentes em grupos, demonstrando seus hinos, sua forma de andar, o ritual e uma conversa com o líder de cada grupo na sua casa.

Cabe observar que esta pesquisa é fílmica e analisada por um repórter para o canal de televisão, investigando e demonstrando de uma forma cinematográfica o episódio. Assim, os textos que discutem a entrevista documental e a reportagem, disponível pelo Youtube, contém diferenças antropológicas e fílmicas. Desta forma, se de um lado temos o pesquisador, tentando ser participante ativo e, da melhor forma, não ser visível ou modelador de uma conduta pelo grupo ou tema pesquisa, do outro lado temos o cineasta, que tenta demonstrar através da câmera os melhores momentos, recortando o interesse, não demonstrando a realidade sistemática. Para tanto, descreve Marcius Freire:

Não é possível ignorar que o filme antropológico participa de duas exigências contraditórias: a do pesquisador e a do cineasta. As aspirações do primeiro nem sempre correspondem aquelas do segundo. Um se interessa mais pelo conteúdo, sem compreender realmente que a forma que vai constituir-lo é um elemento determinante de sua apreensão ou mesmo da sua compreensão, enquanto o outro, nem sempre se dando conta das implicações daquilo que faz, acredita que ao filmar tudo será dito – ou quase –, sem se questionar quanto à maneira como se filma. É importante ter em mente que essas desavenças, tradicionais até certo ponto, há muito fazem parte do debate que opõe os defensores de um cinema considerado apenas como uma forma artística e aqueles que sublinham suas capacidades cognitivas (FREIRE, 2009, p. 15).

A reportagem do SBT, através de uma lente, demonstra as cenas assim com uma reportagem fílmica, porém diferente de uma produção fílmica etnográfica. Desta forma, Freire cita Jean Rouch, resumindo os termos: “quando os cineastas fazem filmes etnográficos, eles podem até ser filmes, mas não são etnográficos; mas quando os etnográficos fazem filmes, eles podem ser etnográficos, mas não são filmes” (FREIRE, 2009, p. 18). De acordo com Freire, buscar a ver através do que ele denomina “visível” seria uma reeducação na forma de ver o filme. Seria como educar o olhar, inclusive do

pesquisador, priorizando, assim, a pesquisa audiovisual e, desta forma, a pesquisa antropológica.

As cenas que o programa “Os prazeres da carne” apresentou na data de 02/08/2010 referem-se ao caminhar dos penitentes, ritual praticado na quarta, na quinta e na Sexta-feira da Paixão. Como é mostrado na figura 3, os penitentes do Sítio Cabeceiras caminham com os moradores na saída da igreja em direção ao cemitério, cantando os benditos, levados pelo primeiro Decurião segurando o cruzeiro. Na figura 4, são exibidos os penitentes após as cinco horas da tarde caminhando e cantando os benditos, indo às casas dos moradores pedir as “esmolas”, que pode ser alimento ou, se não tiver, pode ser dinheiro, como eles dizem. É demonstrado o canto dos benditos, mostrado pela reportagem, são bem aceitos tanto pela Igreja quanto pela comunidade e incentivados para que não terminem a tradição. Esta tradição se tornou pública pela própria exibição na TV, mas não é bem aceita pelo grupo conforme constatamos em entrevista realizada em 2012 com alguns membros. Eles disseram que acreditam que a penitência teria de ser somente para eles e não ser exibida, mas se tornou pública a pedido da própria Secretaria de Cultura da cidade.



Reportagem do programa do canal SBT, exibido em 02/08/2010.

Link YOUTUBE <http://youtu.be/Pz3CAFTP2cM>. Vídeo 2.

FIGURA 4 – PENITENTES CAMINHAM PELA CIDADE DE BARBALHA - CE PARA PEDIR AS ESMOLAS COMO RITUAL

Na série “Prazeres da carne”, são apresentados os penitentes de Barbalha como uma manifestação cultural em certa data de comemoração. É demonstrada através da câmera e pela fala do repórter descrevendo como a interpretação de um conhecimento real, mostrando a importância de perceber a diferença entre a pesquisa e a apresentação de um programa de TV. Com o auxílio do filme, o grupo é apresentado, porém não demonstra a fundo uma cultura, um povo, um momento ou certas atividades, descrevendo os aspectos sensíveis. A reportagem se preocupa com o resultado fílmico do grupo, ignorando a parte descritiva metodológica, mostrando somente uma vertente cênica. Da mesma forma que quando se faz o filme antropológico, um homem está por trás da filmagem, observando como homem e partilhando de momentos e que o influenciam; assim, não se torna um observador neutro. Tanto o repórter quanto o pesquisador transformam a ação dos pesquisados, transformando alguns aspectos que sem ela não apareceriam, distinguindo-a de um filme, no qual os autores agem conforme a interpretação simbólica da representação. Se por um lado o filme antropológico não busca a estética da produção, a reprodução fílmica, por outro lado, demonstra o que a interessa demonstrar; representa adaptando o modo que ela quer que se entenda, alterando a posição de uma câmera, a voz, as cenas e os fatos demonstrados e recortados. Na pesquisa antropológica, busca-se o conhecimento e no filme, o entretenimento de um conhecimento.

O início da produção do cinema retratado pelo livro de Da-Rin demonstra a produção de filmes que misturam a memória, incluindo o fato de o filme ter um título que se assemelhe ao cotidiano corrente ou enredo conhecido. Ele cita que, “por exemplo, a paixão de Cristo, gênero muito explorado nos primeiros anos do cinema, abordava a *via crucis* na forma de quadros relativamente autônomos” (DA-RIN, 2006, p. 28).

As culturas, por meio de valores, gestos, símbolos e rituais, se diferenciam e nas suas fronteiras entrelaçam seus valores, reconhecendo suas diferenças. Os antropólogos as entendem como culturas, porém o cineasta as entende como interpretações que irão fazer a representação espetacular de um sentido. O encantamento para com os deuses, que sempre serão envolvidos nas suas manifestações festivas, faz parte de uma repetição

de gestos corporais. Porém, Jean Cazeneuve entende estes gestos corporais e rituais da seguinte forma:

Os meios de comunicação, em contato com a antropologia, a sociologia e a história, estão entre os que pretendem fazer-nos crer que todo comportamento repetitivo é um ritual. O ato de lavar os dentes é ritual? E se a simples repetição de comportamentos fosse suficiente para determinar um rito, então diríamos que os animais têm comportamentos rituais. Portanto, a repetitividade de uma ação é condição necessária, mas não suficiente para determinar um rito (FREIRE, 2009, p. 251).

De certa forma, os rituais e gestos são manifestações do corpo representando um Deus. Assim, Morin (1996) enfatiza que a incerteza existencial é a marca do propriamente humano, do que decorre a necessidade de fundar o pensamento na ausência de fundamento e de reinventar o sujeito a partir da lógica do ser vivo: biológica (SANTAELLA, 2008, p. 123).

5.3. Os Penitentes da Cabeceira na região do sertão do Cariri, no Ceará

Nesta parte do trabalho, são expostas as entrevistas realizadas nas datas de 21 e 22 de dezembro de 2012, no qual fui recebido na residência de cada um dos entrevistados. No primeiro dia, estive na residência do senhor Olímpio Ludugero da Paixão, acompanhado pela segunda voz, Senhor Francisco Cruz Ludugero e, no segundo dia, na residência do Senhor Francisco Severo (seu Chico Severo). Tive o acompanhamento e a orientação da secretária de Cultura Maria Gorete Amorim, que intermediou toda a conversa, dando estrutura de perguntas e levando ao local de entrevista de cada penitente, sempre disposta a atender à pesquisa, fornecendo os materiais adicionados a este documento. Gorete, como secretária de Cultura da cidade de Barbalha - CE, auxilia atualmente estes penitentes, fornecendo sempre que necessário as vestimentas e informações sobre pesquisadores, repórteres e outros interessados em conhecer estes dois grupos da cidade, pois, sem a presença dela, se negam a conversar com quem apareça para uma simples conversa que seja sobre o tema. Ela, então, torna-se a mediadora de toda a nossa entrevista, sempre presente.

Esses dois grupos de penitentes, os quais entrevistamos, são sitiantes ao redor da cidade, porém as residências são de difícil acesso, sendo que as ruas não são pavimentadas nem urbanizadas. São pessoas de casa simples, agrários, analfabetos e,

mesmo com um esforço na escrita para assinar os documentos, fizeram questão de assinar o nome completo. O Olímpio é, atualmente, o primeiro decurião, ou o líder, do Sítio Lagoa. Muito simpático, bem conversador e determinado na sua fé, nunca acredita no erro ou na discórdia. Acreditando sempre nas suas palavras e nos seus atos com muita veracidade, explicou pacientemente toda a sua história de vida, inclusive suas idas e vindas para as grandes cidades, como São Paulo, as quais, mesmo vendo o mundo fora do sítio, da sua pequena cidade, nunca o afastaram da sua verdadeira fé e do seu ato de penitência.

A sua casa e a de Francisco Cruz são próximas ao cruzeiro, atravessando por um pequeno caminho na mata. Dali, os penitentes se formavam e saiam para fazer a caminhada, os cantos e a penitência.

Francisco Cruz, a segunda voz, o segundo decurião, menos falante, mais observador, concordou e permaneceu por um período menor ao nosso lado, concedendo algumas pequenas frases, parecendo respeitar a palavra do primeiro decurião. Este irá assumir o grupo, quando o primeiro se for. Olímpio sempre repetia esta frase, quando o assunto era morte: “Quando o senhor me quiser com ele, eu estou aqui esperando, ele pode vir agora, meu santo Cristinho, é ele quem decide”, diz olhando para o céu.

No dia seguinte, Chico Severo, do Sítio Cabeceiras, também sitiante, agora rodeado pela chegada da cidade, mora muito próximo ao cemitério, que pode ser avistado, assim como a capela, de dentro do seu sítio, ao cruzar pela mata. Francisco Severo, o mais velho de todos, octogenário, sentado em uma cadeira, conversa numa sequência de palavras da sua memória. Gorete auxilia com perguntas, atuando como uma possível intérprete da entrevista, para que ele entenda. Agrário, analfabeto e convicto da sua penitência, diz ser um admirador de Joaquim Mulato (1920-2009), que para ele era “quem levava o grupo a sério”. Mulato era o primeiro decurião e hoje é seu Francisco Severo. Ele fala com muita seriedade sobre o grupo, segurando uma muleta para apoio na cadeira, e descreve sua memória, respeitando sempre os costumes que formaram a região e o grande padre “Cícero”, ícone na região de Juazeiro e do Crato. Seu Francisco reconhece a sua dificuldade em caminhar junto ao grupo, mas Gorete informa que ele ainda é líder e não precisa caminhar se não quiser, não precisa. Gorete diz que seu Francisco não precisa mais ser um penitente, não porque ele não quer, mas porque é muito conhecido, admirado e respeitado; desta forma, não tem motivo para continuar a penitência. Ele só precisa entender que ainda é o líder do grupo. Francisco Severo admite reconhecer o padre Cícero como grande padre e pessoa e que, mesmo ele

não sendo penitente, é muito admirado. Ele, inclusive, já esteve no pé da estátua do padre por diversas vezes, mas na estátua de padre Ibiapina não – ele relata que tem uma estátua dele na cidade de Crato, mas nunca foi lá.

5.3.1. Sobre o ritual religioso dos Penitentes da Cabeceira

Olímpio diz:

Esta nossa tradição está meio difícil de continuar! O decurião Severino Rocha está no hospital, e está meio assim. Este homem é o mestre do Sítio Cabeceiras e não tem mais condições de nada. Ele está no hospital e ele é o principal do grupo de lá. Eu fui ontem no hospital e fui rezar por ele. A mulher dele que veio me pedir. A gente foi lá, mas o homem não tem mais condições de nada não. Hoje mesmo vi a mulher dele de novo que me pediu pra ir lá. Eu confio no meu deus e no meu pessoal. Na hora que se precisar de mim, pode me trazer o carro e me levar pra rezar pelo doente.

Caso o primeiro decurião venha a falecer, a segunda voz, ou o segundo decurião, assume. No caso que explica sobre “esta tradição está difícil de continuar”, é pelo envelhecimento e morte dos mestres e a não sequência pelos jovens. Assim, quando um mestre falece, a segunda voz se torna a primeira.

Francisco Ludugero então relata:

Quando o mestre morre, a segunda voz é que assume. Não tem cerimônia, nem nada não. Ele já sabe. Ele tem de dar sequência. Não pode mudar nada.

E Olímpio diz:

É como vem lá de trás, é como vem de trás, da vida dele. Não pode mudar nada. E os grupos hoje que temos aqui, são dois: Os daqui e os da Cabeceira. Antes, tinha quatro, mas foi se acabando. O pessoal mesmo que não tem mais interesse. Não vou culpar nada não, cada um que faça sua vida. Agora se cada um tem a sua vida, que cada um fique na sua. Ninguém tem de reparar na vida dos outros. Não adianta nós reclamar as vidas dos outros, que a gente tá se esquecendo da gente. A gente tem de cuidar da vida da gente.

A história desta tradição também é repassada formalmente de pai para filho, cabendo a este escolher entre ser penitente ou não.

Segundo Olímpio relata:

Meu avô era penitente, e o meu pai também foi. Quando eu quis ser, meu pai não queria; mas meu avô me ensinava escondido e meu pai depois de me ver fazendo direito, me deixou continuar, e me entregou o cruzeiro perto da sua morte, que da mesma forma que o meu avô o fez com ele. Este mesmo cruzeiro é a cruz que representa a de Jesus e nos guia abrindo nosso caminho na mata e fazendo conforme nosso senhor quer. A gente caminhava à noite, sem qualquer luz artificial, a cidade era pequena, caminhávamos dentro de sítios, ruas de terra e cruzávamos riachos cantando nossa oração.

Francisco Ludugero comenta:

No nosso caminho, ninguém se intrometia, que se caso alguém tentasse nos parar ou nos tentasse distrair, colocávamos o cruzeiro à frente de nós todos, carregado pela primeira voz e o cacho come até sair do caminho. Aqui ninguém para pra conversar ou pra explicar, a gente bate com o cacho, até sair.

Olímpio continua:

Nada nos impede. Ser penitente é muito sério, temos de manter o respeito, e nada nem ninguém irá nos tirar do caminho que o nosso próprio senhor – Sr. Jesus Cristo: morto para salvação da gente nos pede que façamos esta penitência, que para nós tem muita importância. Nós aqui temos sempre que rezar por alguém que esteja doente. Ontem mesmo fomos rezar no hospital, que decurião primeira voz do grupo de penitentes do Sítio Cabeceiras está muito doente e a esposa dele veio me procurar para rezar por ele. Nós vamos nos reunir hoje, precisamos rezar ele. Tem de ser feita a vontade de Deus. E inclusive eu confio muito no meu pessoal. Agora, o grupo está se acabando, os filhos aprendem com o pai, como pai fez comigo... E esses jovens, não prestam atenção em nada. Aqui mesmo na cidade, a última secretária de Cultura, veio nos pedir, a Cirlene Querois, para que a gente ensinasse os jovens. –Ela queria que a gente fizesse outro grupo mirim. Bota uns meninos porque os mais velhos vão se acabando.

Olímpio, bravo, diz:

Que penitência é coisa séria, não é brincadeira de escola não. A escola ensina a escrever, aqui não é escola. A penitência é coisa séria, é coisa que vem de cima. Não é daqui pra baixo não. Daqui pra cima. É de cima pra baixo. Ela, Cirlene, ficou até desgostosa comigo, disse a ela que busque outra pessoa, pra montar este grupo, mas comigo não. Eu levo a coisa a sério, diz Olímpio. Se quiser aprender, tem de ver a gente fazendo e depois a gente vendo ele, a gente deixa participar, mas não se tem brincadeira aqui não. Eu disse a ela que não sei ensinar não, não sou professor de escola, sou um mestre porque meu pai me deu as lições, e me ensinou como fazer, então eu faço lá no pé do cruzeiro. Se não fizer no cruzeiro, que seja feita a vontade de Deus.

Nota-se na fala de Olímpio que para ele a penitência não é espetáculo, não é algo para ser visto ou admirado pelo outro, mas diz respeito a interioridade do penitente e sua relação com Deus.

Walmor, citado por Bezerra, diz que “o cristianismo mostrou ao homem um mundo interior que ele desconhecia, e essa revelação transformou a sua visão de si mesmo, bem como sua posição face às coisas”. E Bezerra conclui:

Movido por esse novo modo de ser, os primeiros cristãos desenvolveram sua própria arte com o objetivo de exteriorizar não somente as sensações, mas sentimentos de integração religiosa. Esta ideologia que se generalizou nos séculos iniciais da idade média foi causa de origem da monodia cristã. Hinos e cânticos dessa nova concepção musical inspiravam-se em salmos bíblicos. Solo e coro ou cores alternados dialogavam nas orações musicadas (BEZERRA, 2001, p. 23).

Francisco Ludugero, então, diz:

É porque o penitente, que o penitente é que nem um cantor. O penitente tem de tirar o bendito da memória, tem de ter memória. Os jovens de hoje não sabem fazer isso de cantar os vinte e cinco pés sem errar. Nenhum jovem hoje se dedica pra isso não. Eles não prestam atenção nas coisas. A segunda voz não presta atenção na primeira, e tem a mesma obrigação, mas não presta não. A segunda voz tem de saber continuar, o canto da primeira voz quando tira, a segunda voz tem de saber e tem de acompanhar. Esse pessoal novo de hoje não tem como acompanhar.



Foto: Marcos Martinez Munhoz, Barbalha-CE, 2012.

FIGURA 5 – OLÍMPIO LUDUGERO NA FRENTE DA CASA DO SÍTIO LAGOA, COM A DISCIPLINA NA MÃO

Francisco Ludugero então continua:

O primeiro decurião morreu tem de poucos dias, o segundo que agora é o primeiro está internado. Então somente a terceira voz com a quarta vai fazer os cantos, mas conforme Olímpio, não vai dar sequência, por que não sabe e o grupo então tá se acabando.

Aqui nós somos a primeira com a segunda, lá nas Cabeceiras, já está da terceira com a quarta voz, que já não tem sentido e não sabe. Se o Severino que já está se acabando e o seu Zé Preto também se acaba, a terceira e quarta voz não sabe fazer.

Eles têm de voltar daqui do cruzeiro pra lá, porque não pode mudar. Tem de rezar do jeito que o decurião fazia.

O problema é que não pode mudar. Deus quem decidiu assim. Isso é passado pelo primeiro decurião pro segundo. Não é só chegar aqui e cantar, não é isso. A doutrina já vem de lá – diz apontando para o céu.

O nosso canto não está escrito em livro, jornal ou qualquer outro lugar, ressalta Olímpio, é sim uma revelação de Deus, pois assim é que ele quer. A doutrina vem de

Deus. Foi quando o Anjo Gabriel adornou no mundo e aquele pregador, que é o santo, vi que o meu avô dizia para o meu pai e ele dizia:

Frei Caetano, Frei Celine, Frei João é o pregador. Saiu andando no mundo e pregando, conseiando é o missionário, chamou os missionários, ele foi pregador, ensinando tudo o que se tem de fazer.

Olímpio canta um hino:

Quem quiser ganhar o céu/ é no caminho dos pregador/ filho da virgem Maria amparou dos pecador (cantado)

Relatou a segunda voz, Francisco:

Terminado o canto de uma reza, a segunda voz ou o segundo decurião tem de iniciar uma nova reza, e o grupo acompanhando a reza, sem conversar com ninguém, sem parar para nada. Tem de cantar naquele sentido, o bendito da cruz, é o início da reza.



Foto: Marcos Martinez Munhoz, Barbalha-CE, 2012.

FIGURA 6 – SÍTIO LAGOA – OLÍMPIO, À DIREITA, E FRANCISCO LUDUGERO, À ESQUERDA, NO CRUZEIRO

Quando a gente anda naquele sentido (sentido ao cruzeiro), a gente tem de tirar o bendito da cruz. Aqui no cruzeiro, a gente fala que é assim, assim. Mas depois que a gente saiu em sentido dali, ninguém fala mais nada, é só o canto. A gente não conversa com ninguém, nem fora nem dentro daqui do grupo da gente.

Quando eles caminham pela cidade, das 17 horas até a meia noite, passam pedindo esmolas, que podem ser, às vezes, dinheiro, mas, na maioria das vezes, são alimentos doados. Em algumas casas, é dada uma mesa farta de bolos e alimentos para os penitentes. Na de Barbalha, a peregrinação é vista com muito carinho pelos moradores, que fazem questão de recebê-los em suas casas e observá-los na data da semana quando em procissão. As procissões também eram feitas quando qualquer pessoa está enferma, nas quais eles rezavam todas as noites pelo doente, carregando o cruzeiro e cantando orações.

Seu Francisco Severo, então, explica como os penitentes da Cabeceira agiam com um doente:

Agora está diferente. Se um doente estivesse em casa, a gente passava dois, três meses, a gente passava na casa dele e rezava dentro de casa. A gente esperava ele morrer. Toda a noite a gente estava rezando na casa dele. E hoje ele vai pro hospital e a gente não consegue vê o doente. Ele entra no hospital lá pra dentro e a gente não consegue vê mais. Daí ficou diferente, tá todo mundo acostumado a morrer no hospital. A gente aqui antes não tinha hospital, quando ia morrer a gente ia rezar na casa dele. A comunidade era pequena e hospital era pequeno. A gente rezava não sei quantas noites. Hoje tá muito diferente. A gente quando percebia que o doente tava morrendo colocava uma vela na mão e cantava. A gente ficava cantando até ele morrer.

A gente botava a vela na mão de Jesus, vai comigo, e eu vou com Jesus, Jesus vai comigo e eu vou com Jesus. Eu vou com Jesus no meu coração. Alembro Jesus de toda aflição, de toda aflição e toda agonia. Alembro Jesus, José e Maria Santa Ana do meu coração.

A morte é acompanhada pelo ritual tradicional dos penitentes agindo com suas orações na vida das pessoas, com suas rezas, seus cantos e suas identidades regionais. Os discursos por eles praticados ocorrem por meio das suas linguagens. Então, Foucault define que:

a troca e a comunicação são figuras positivas que atuam no interior de sistemas complexos de restrição, e sem dúvida não poderiam funcionar sem estes. A forma mais superficial e mais visível desses sistemas de restrição é constituída pelo que se pode agrupar sob o nome de ritual; o ritual define a qualificação que devem possuir os indivíduos que falam (e que, no jogo de um diálogo, da interrogação, da recitação, devem ocupar determinada posição e formular determinado tipo de enunciados); define os gestos, os comportamentos, as circunstâncias, e todo o conjunto de signos que devem acompanhar o discurso; fixa, enfim, a eficácia suposta ou imposta das palavras, seu efeito sobre aqueles aos quais se dirigem, os limites de seu valor de coerção (FOUCAULT, 2011, p. 39).

Desta forma, Foucault, justifica a coerção:

Embora quaisquer práticas coercitivas reclamem *sua* verdade, não é dela que se trata, mas do efeito que ela proporciona, que é a reprodução do poder, em razão de sua capacidade de justificar racionalmente a distribuição e repartição dos indivíduos (FOUCAULT, 2010, p. 69).

Francisco Severo acrescenta:

A modernidade acabou com o costume, porque agora eles não iam mais nas casas, que agora os doentes ficavam nos hospitais.

Eles iam rezar nas casas dos enfermos somente esperando a hora da morte, fazendo sentinelas noites e noites. Não carregavam nenhum objeto, somente se ajuntavam aos montes nas casas das pessoas e rezavam.

Bezerra cita um trecho da sua pesquisa na qual entrevistou Severino Antonio Rocha, outro penitente do grupo Cabeceiras, no qual ele responde a questão da morte, afirmando “que na tarefa que lhe é atribuída de encomendar um doente a Deus, eles procuravam levar aquele sujeito a refletir sobre a necessidade da busca da salvação bem como o do arrependimento dos pecados pelo reconhecimento da miséria humana”. E conclui: “Ele nos conta que esse modo de ‘encomendar doentes’, atualmente, tornou-se escasso, uma vez que as pessoas procuram os hospitais e morrem dentro deles. Mas a tarefa do penitente vigiava até o momento de colocar a vela na mão do moribundo e repetir em coro o seguinte bendito:

Olha o pecador aonde te escondes

Teu senhor te chama tu não arrespondes (coro)

Olha pecador tua maldade
 Teu senhor te chama na eternidade (coro)
 A eternidade nós temos por certo (duas vezes)
 E no sono que estava pecador alerta.
 Pecador alerta enquanto é tempo, quando a morte vem mata de repente.
 Quando a morte vem calada sozinha ela vem dizendo que esta hora é minha.
 O fôlego faltando e o sangue fugindo.
 Tu nessa mesma ânsia ta se indo e vindo
 Que ânsia tão grande no teu coração,
 Não conheces os teus que contigo estão
 Teu rosto virar, tua vista assombrada, tua língua tropeada.
 Sem poder falar/chama por Jesus/ que ele mandará
 Um anjo ao teu lado para te ajudar
 Tomas a chamar que ele mesmo vem
 Um anjo ao teu lado para sempre amém” (Bezerra, 2011, p. 25)

Francisco Severo então conclui:

Quando a pessoa estava na hora de morrer, tava tudo mundo lá esperando, mas só quem ia era a pessoa que sabia nomear o nome de Jesus é quem ia. Eu mesmo ia, mas como hoje todo mundo morre em hospital eu não vou mais.

Entrevistador: São somente alguns que podiam e tem o poder de proferir a palavra de Jesus, na reza da morte, neste momento da “hora”?

Francisco Severo responde:

Nem todo mundo tinha coragem, que na hora começa a chorar. Tem de ser muito religioso e têm outros que não sabem o que dizer ou rezar. Eu sabia, e fui muitas vezes. Mas o penitente tem de ser muito religioso, ele tem de saber muito. Mas agora, tá tudo muito diferente, ninguém quer mais saber de nada. Os jovens, não dão mais atenção pra isso. Hoje o penitente levanta o pano da cara, todo mundo conhece, não tem mais cerimônia não. Mas de primeira, o penitente queria que ninguém o conhecesse, Joaquim Mulato dizia: “Se alguém perguntasse pra você, se você é penitente, tinha de se negar, você não queria ser conhecido”.

Entrevistador: Na igreja, o padre de ontem e hoje aceitava os grupos dos penitentes?

Francisco Severo:

O padre de hoje aceita sim. De antigamente, acho que sim. Aceitava sim. Nunca acabou. Mas ele aceita sim. O vinha buscar a gente aqui, o padre Murilo, padre de Juazeiro do Norte, o bispo também esteve aqui. Ele vinha até aqui. O bispo vinha até aqui na casa de Joaquim Mulato. Ele buscava a gente pra rezar lá em Juazeiro uns dois benditos. A gente ia pra rezar na imagem do padre Cícero.

Porém, o catolicismo popular participa da rotina destes grupos que assumem seus locais sagrados, símbolos e modelo como uma interpretação do sagrado dos ensinamentos eclesiais da Igreja Católica Romana, conforme descreve Boff:

O catolicismo popular, pelo fato de ser popular, está sempre relacionado com o catolicismo oficial romano. As doutrinas fundamentais, os santos, os sacramentos etc. os próprios católicos do catolicismo popular se confessam dentro da Igreja oficial dos clérigos. Por isso não se pode entender o catolicismo popular sem a manutenção da relação dialética com o catolicismo oficial (VIEIRA, 2001, p. 22).

Entrevistador: Padre Cícero foi um penitente?

Francisco Severo:

Não, acho que não. Não sei não. Não foi. Padre Cícero era um conselheiro, as palavras que ele dizia os cabloco ainda comenta. Meu avô dizia que ele dizia; meu filho. É de vim tempo que os cavalos sem cabeça vai acabar com o povo no mundo. Vê as motos. Tá morrendo gente hoje em dia. Meu filho, ainda de vir o tempo, que nós vamos comer pedra e areia. Severino então: Pai, ao pai dele, como é que vamos comer pedra e areia. Hoje não. Nós estamos vendo aí. Cabloco carregando areia, vendendo areia; e a pedra ele come com o dinheiro. Antigamente, ninguém sabia das palavras que ele dizia. Hoje a gente tá vendo ai.

Boa parte dos nossos santuários de romarias nasceram de grupos de votos populares, depois assumidos pela Igreja Católica que os entregava a direção

de Ordens Religiosas. Todo centro de interesse peregrino surge do anúncio de algum fato extraordinário à volta de determinada santidade (VIEIRA, 2001, p. 21).

Padre Cícero é sempre colocado como uma divindade para o povo daquela região, reconhecendo sua obra e suas ideias como verdadeiras e entusiastas. As palavras deste santo padre viriam a ser como ordens do passado que permaneceriam vivas nas comunidades e mesmo no saber destas pessoas, que se ajuntavam por um catolicismo popular. É dado a ele o título de defensor dos pobres, dos humildes e dos sofredores. Dessa forma, Vieira nos relata:

O padre Cícero era escolhido como conselheiro nos mais variados assuntos. Juazeiro do Norte aos poucos deixava de ser um pequeno povoado para se tornar uma cidade procurada constantemente por milhares de pessoas vindas dos mais variados estados brasileiros. Gente simples, na sua maioria vivem da agricultura de subsistência ou de pequenos comércios na cidade onde moram, aqui chegam na esperança de alcançar um milagre, pagar uma graça recebida, conhecer e visitar a cidade santa do padre Cícero – o Juazeiro do Norte (VIEIRA, 2001, p. 21).

Entrevistador: E hoje, quem é o primeiro decurião?

Francisco Severo diz:

Minha saúde não ajuda, mas que tem outros que sabem caminhar, mas não tem os benditos de cabeça. A gente tem uns cem benditos.

Bezerra complementa que “o coro dos penitentes é o canal de ligação com o sagrado. É ele que conduz as atitudes cotidianas desta irmandade leiga pautada em ensinamentos cristãos. Esse posicionamento perante a vida expressada pelo canto remonta a atitudes dos primeiros cristãos” (BEZERRA, 2001, p. 23).

Quando Suess cita Metz de uma forma popular, a igreja interpreta como catolicismo popular:

Metz toma em sentido mais lato o seu quadro de reflexão Igreja-povo – a saber atendendo à Igreja mundial -, do que se deu até hoje na discussão européia. “A superação de sofrimentos sociais nos quais se nega a povos inteiros a identidade e o seu ser próprio, não pode ser obtida no âmbito nacional”. Mas ele também penetra mais fundo, fazendo o sucesso de uma

“Igreja do povo” depender da recuperação da sua história, da sua memória dolorosa e da subjetividade (SUESS, 1978, p. 23).

Entrevistador: E pra começar a caminhada, a cantar os benditos, é escolhido, ou como se começa?

Francisco Severo:

Pode começar com qualquer um, quem tira começa. E a gente vai junto. Respondendo.

E Francisco Severo canta um hino:

A memória de são domingo/ a quem devemos chamar/ a Deus que nos ensina/ no seu livro de reza/ e um deus que nos ensina/ no seu livro é de reza – ai ele responde: segunda voz; em seu livro de reza/ eu queria eu estar/ ele eu queria tar/ e me desculpar rancor e livre/ deus queria me queira perdoar/ domingo é dia santo/ Deus me deixou resguardar/ e vossa santa missa/ ninguém deve dispensar/ domingo é dia santo para a missa não puder ir/ a rezar no seu rosário/ é o mesmo que a missa ir/ pra rezar no seu rosário/ é o mesmo que a missa ir/ domingo e dia santo/ pra missa eu não caminhei/ pra rezar no engano/ pra adorar no lugar dele/ o irmão, ou irmão meu/ vai a missa se puder/ faça as suas penitências/ olha o fogo do inferno/ canta suas penitência/ olha o pouco do inferno/ o que o povo canta de louvo/ ele e eu to me queimando/ faça penitência por seu povo/ faça penitência ao povo/ esse povo a te abrandar/ faça penitência ao povo/ esse povo a abrandar/ esse fogo abrandar.

Assim, a cultura estabelece uma verdade absoluta dentro de um entorno humano. Por meio da visão humana, o homem modela suas verdades e, da mesma forma que as cria, interpreta a sua forma. Seus valores são buscas de uma explicação da sua vida, pois enxergar sem entender mas entender o que é explicado traz a si e ao outro valores divinos e terrenos. Sua visão se torna míope, seu eu se torna limitado e as suas leis nada mais são do que os perigos do passado. Os seus medos são tratados como pensamentos e estes como distúrbios sociais tratados por coerções dos próprios homens. Estes mesmos homens, às vezes representantes de Deus, cumprem o papel do pensamento, limitando a interpretação e a liberdade.

Nietzsche, portanto exemplifica a linguagem:

A linguagem como suposta ciência. – A importância da linguagem para o desenvolvimento da cultura está em que nela o homem estabeleceu um mundo próprio do lado do outro, um lugar que ele considerou firme o bastante para, a partir dele, tirar do eixo o mundo restante e se tornar seu senhor. Na medida em que por muito tempo acreditou nos conceitos e nomes de coisas como em *aeternae veritates* (verdades eternas), o homem daqui adquiriu esse orgulho como que se ergueu acima do animal: pensou ter realmente na linguagem o conhecimento do mundo.

O criador da linguagem não foi modesto a ponto de crer que dava às coisas apenas denominações, ele imaginou, isto sim, exprimir com as palavras o supremo saber sobre as coisas; de fato, a linguagem é a primeira etapa no esforço da ciência.

Da crença na verdade encontrada fluíram, aqui também, as mais poderosas fontes de energia. Muito depois – somente agora – os homens começam a ver que, em sua crença na linguagem, propagam um erro monstruoso (NIETZSCHE, 2010, p. 21).

A comunidade dos penitentes do Sítio Lagoa e do Sítio Cabeceiras sente que o grupo está se acabando e esta tradição “sagrada” para o grupo está terminando, pois os jovens não tem mais interesse nesta prática religiosa. Estes dois grupos são determinados por regras criadas por eles mesmos, sem leis, ordens ou funções escritas, sendo somente memória e organização do imaginário. Levam esta prática como a adoção do verdadeiro ato da fé, seguindo as leis da Igreja Católica Apostólica Romana, respeitando seus ideais, não a contrariando, mas sim entendendo que a partir das práticas do grupo, da fé e da sentença que a penitência do mundo fez a Jesus, a imitação seria a forma de alcançar o paraíso ou ser perdoado pelos pecados. Este grupo é ditado pelas leis conservadoras da boa conduta, sendo que, no início dela, não se envolviam com os problemas das grandes cidades, como a exposição entre pessoas que fossem do grupo, hospitais, participações culturais, que trouxeram um modo diferente de ver o mundo e mesmo de ser visto por ele. Conserva a memória, como a maior fonte de formação do grupo. Respeitam sempre aos mais velhos, memorando uma conduta mais séria e determinada da penitência. Essas mesmas rezas, que são para espantar a seca e a fome do sertão, trazem estes instrumentos. Os instrumentos são “Campa” – chamada de santíssimo para orientar o grupo –, o cacho ou silim – para fazer o sacrifício em benefício do espírito – e a cruz – serve para guiar o grupo. Sem ela o grupo não sai. Neste grupo, reuniam-se em doze, em referência aos doze apóstolos de Cristo.

5.3.2. Sobre a origem no Ceará do ritual religioso de autoflagelo do corpo

A origem da ordem dos penitentes do Cariri é semelhante à origem da Irmandade Flagelante medieval que foi formada a partir da Peste Negra na Idade Média. O grupo do Brasil se originou a partir do padre Ibiapina, que trouxe esta tradição.

A esse respeito Francisco Severo esclarece:

Foi padre Ibiapina quem fundou. Foi Ibiapina quem fundou. Teve um tempo muito ruim, pesada no Crato-CE, aí onde padre Ibiapina andou, e aí deixou essas leis de penitentes – o cólera – pra fazer a penitência pra combater essas doenças. Teve a doença lá no Crato, aliás em todo o canto. Não dava nem tempo do Peão, abri a cova pra enterrar um, já vinha um outro monte, e quem cavava também caia na cova.

Joaquim Mulato trouxe pra nós aqui, pra ver se combatia mesmo aqui a doença, que vinha do Crato. Fez casa de caridade, o cemitério ali, das Cabeceiras. Joaquim Mulato que era o chefe. Os penitentes ninguém conhecia não. Os primeiros penitentes ninguém conhecia não. Os primeiros penitentes só andava na meia noite, dentro de casa, sozinho. O povo não conhecia os penitentes. Eu comecei a anda nos penitentes com 8 anos de idade. Depois que o prefeito pediu que nos andasse de dia na cidade, o povo ficou ficaram nos conhecendo, aí vieram os repórter, ainda os penitentes descuidavam, aí começaram a descobrir as casas dos penitentes. Nas cidades, só ficamo andando depois que o prefeito no pediu pra gente ir né. Quem ninguém conhecia o que é. Aí depois o repórter foi levando pra tudo quanto é canto.

Entrevistador: Estas vestes utilizadas para a caminhada, também conhecidas como “opas”, têm este coração no meio, que é diferente da roupa do segundo decurião, demonstra alguma diferença no grupo? Este coração no meio da roupa (vermelho) dos outros no grupo não tem. Ela representa a diferença no grupo?

Francisco Severo:

Eu era ajudante de Joaquim Mulato, eu uso a roupa que era igual de Joaquim Mulato. Eu acho que significa, sabe que nos somos chefe. Este coração não tem relação com o cruzeiro. Nós não somos penitentes. Nós se sair daqui sem esse cruzeiro, não somos nada, tem de levar o cruzeiro. Quem leva o cruzeiro é chefe, tem e nós vamos cantando atrás. O chefe tem de ter o ajudante, pra tirar o bendito e os outros responde. O chefe

lidera, ele vai ver se alguém do grupo está fazendo alguma coisa errada. Hoje não, mas antes a gente via se alguém tava jogando baralho, ou pegasse bebendo cachaça. Hoje todo mundo bebe cachaça.

Entrevistador: E vocês praticam no dia da penitência na Semana Santa?

Francisco Severo:

Eu faço. O jejum, eu almoço um pouco e depois eu como a noite. Hoje parece que não tem mais o jejum. Hoje já tá diferente. O pessoal já não tem mais disso não. Hoje todo mundo já conhece a gente. Antigamente pra se saber que um era penitente, ele tinha de morrer pra gente saber. Hoje não, tá tudo conhecido. Ser penitente era segredo.

Entrevistador: Como era o enterro de um penitente?

Quando morria um, podia ser ou não penitente. A gente rezava a noite todinha com ele, e de manhã a gente enterrava ele. Ele só ficava conhecido pelos outros como penitente porque a gente levava a roupa dele, ele ia vestido assim do mesmo jeito que eu tô, com a roupa de penitente. A esposa, então, tinha de concordar que ele era um penitente, para que fosse colocado a roupa nele, no caixão.

Hoje tudo é conhecido, todo mundo já conhece a gente. Até é bom, que a gente saia meia noite, pelo mato, no escuro e não via nada. Hoje a gente anda de dia, não tem mais perigo de buraco, de brejo, de unha de gato.

Entrevistador: O que se fazia neste caminho?

A gente só rezava o terço, e era pra se acoitar. A gente rezava o terço, as ladainhas, salve rainha e depois os benditos.

Entrevistador: Hoje, depois de todo mundo conhecer os penitentes, o senhor acha que os penitentes perderam seus valores principais?

Eu acho que não. Os penitentes são os mesmos. A gente só vai saber quando chegar lá. Mas a gente não sabe se Deus vai aceitar a gente assim descoberto, que antes a gente se cobria e hoje não.

Entrevistador: Quando um penitente fazia algo de errado, quais eram as leis?

Quando um penitente fazia algo errado, o mestre falava pra ele carregar a pedra na cabeça e vai até o cemitério e o penitente não falava nada. Quando ele chegava no cemitério, ele rezava o terço, depois de terminar a reza do terço, tem de colocar novamente a pedra na cabeça até em casa, junto com o chefe olhando.

Entrevistador: A disciplina tem de ser bem afiada?

A disciplina tem de ser bem afiada, se for cego, num presta não. Machuca. Mas bem afiado não dói muito. Hoje não posso não. Antes o chefe ia cantando lá e a gente se açoitando.

Entrevistador: Quando o senhor se açoitava com os penitentes, qual era o pensamento ou sentimento?

Nos tempos que éramos só penitentes, quando a gente fazia, eu me sentia com a alma livre. Eu fazia também na Quaresma, não é só na Semana Santa. Eu achava que eu me libertava dos meus erros. Se o caba não fizer assim, e não fizer nada de errado, Deus está vendo. Eu não preciso vê ele, mas ele tá vendo.

Entrevistador: O senhor praticava a penitência para tirar o sangue, ou somente a se açoitava pela reza?

Eu meu açoitava pelos pecados da gente. Pra tirar os pecados.

Entrevistador: O senhor tem cicatriz?

Não tem não. A gente quando faz, no dia seguinte, só tem uns risquinhos.

Entrevistador: Quantas pessoas ainda se mantêm no grupo?

Doda tá de segunda voz, os outros tão morrendo tudo. Mas Doda não se corta não. Ele não usa mais a disciplina. Só faço com as mãos.

Entrevistador: E por que você não usa mais a disciplina para se açoitar?

Responde então Doda:

Eu não sou deste tempo que se açoitava. Hoje eu faço parte do grupo, mas não me corto não. Hoje não se faz mais isso não. Caminho com eles, mas não me corto não. Sou de outro tempo. Faço com as mãos.

Entrevistador: A cor da roupa do senhor tem esta cor preta, o do grupo da Lagoa é azul. O senhor sabe qual o motivo desta cor?

Não sei não. Só sei que assim foi que Joaquim Mulato nos passou. Mas quando eu comecei, ela não tinha esse coração. A Gorete que nos deu, mas antes era só na cor preta.

Entrevistador: Essa tradição passa de pai para filho?

Seu Francisco Severo diz que seu pai não era não:

Meu avô quem me criou, foi só meu avô.

Entrevistador: Por que o senhor pratica a penitência?

Francisco Severo:

Eu nunca me perguntei não por que eu era. Eu acho que como Jesus sofreu muito e a gente participa da vida de Jesus. Acho que é assim.

Citado por Vieira, Macedo coloca que:

a devoção ao Cristo doloroso penetrou nos serviços litúrgicos. No rito da missa, era comum aos fiéis serem constantemente lembrados dos sofrimentos causados a Jesus. Em dramatizações públicas, podiam ser vistos os tormentos do salvador, os passos que deu sobre a Via Dolorosa, as chagas de seu corpo e as gotas do seu 'sangue' (VIEIRA, 2001, p. 31).



Foto: Marcos Martinez Munhoz. Barbalha- CE, 2012.

FIGURA 7 –DODA, À ESQUERDA, E FRANCISCO SEVERO, À DIREITA

Eu não sou da época do seu Chico Severo, eu, hoje, caminho mais ele, mas não faço a penitência com o cacho. Esse costume de se açoitar não foi do meu tempo. Como ele faz (referindo-se a Severino), eu não faço não. E eu comecei a andar mais ele, por que eu tinha vontade de andar. Depois da época do falecido Joaquim Mulato, eu não podia andar, eu falei com ele, mas não deu certo. Eu fui insistindo, insistindo, aí Severino dizia: Depois que casa, a gente te deixa. Sendo solteiro não pode de andar. Tem de ser

casado na Igreja Católica. Se for só no civil não pode. Doda se casou, e já no dia seguinte, já pode andar. Assim queria Joaquim Mulato.

Entrevistador: Qual a origem desta roupa do senhor de ser branca e preta?

Francisco Severo diz que não sabe não.

Sempre foi assim. Não sei. Mas quando eu comecei, não tinha esse coração não.

Entrevistador: Essa cruz vem de onde?

Francisco Severo:

Essa cruz vem de Joaquim Mulato, que foi feito no ano de vinte. Esse é o cruzeiro, nós viajamos em um bocado de local. Era um cuidado tremendo.

Entrevistador: Por que o senhor pratica a penitência?

Francisco Severo:

Eu nunca me perguntei por era. Acho por que como Jesus sofreu muito e a gente participa da vida de Jesus. Acho que é assim. Sei não.

Entrevistador: Esta tradição passa de pai para filho?

Francisco Severo diz que o pai dele não era não, “só meu avô”.

Entrevistador: Seu pai não deixava o senhor praticar, fazer?

Francisco Severo:

É que fui criado mais meu avô. Minha mãe morreu eu tinha dois anos. Então fui criado mais meu avô.



Fonte: Marcos Martinez Munhoz. Barbalha- CE, 2012.

FIGURA 8 – FRANCISCO SEVERO SEGURANDO O CRUZEIRO NA SUA RESIDÊNCIA

Deu uma peste no Crato e o padre Ibiapina nos deixou o movimento. Ariadne Araújo (2002, Fortaleza) cita em uma reportagem na qual o Severino lhe concedeu uma entrevista:

“Quando eu era menino?

“Iche, ser penitente era o mesmo que ganhar uma banda no céu”, conta. “A penitência vem de tempos, da “época do frei Ibiapina, nos idos de 1876”. Um rojão que para o decurião pode se acabar com a falta de interesse. Nos cemitérios, à noite, para as almas, uma rezadinha só faz bem, é obrigação. “A gente pede para eles chegar no céu, mas Deus é quem sabe”. Nas horas de fervor, o cacho da disciplina prova a devoção em auto-açoites cheios de sacrifício. “Quando da fé, o mel tá descendo, né?” arremata. Mas, para ele, esse tempo já passou.

“Eu me flagelava quando eu era penitente, agora eu sou o chefe”.

Acima dele, só o primeiro decurião, Joaquim Mulato de Souza, 83, na ponta dos dedos, Mulato faz a conta de quanto são na penitência.

“Somos 21 membros, todos agricultores”. Fora os rituais e as mulheres. “Elas cantam as Incelências para a senhora da Soledade”. Em especial, para velórios e enterros de anjos, virgens e jovens. Terezinha Lima, a chefe do grupo feminino, aprendeu com a avó “muita reza bonita”, Para ela, “os penitentes tem a cruz e as mulheres tem o anjo”.

A morte, segundo Francisco Severo, era uma peste silenciosa, que matou os nordestinos do Crato. *Eu comecei com 8 anos de idade, fazia sozinho. Padre Ibiapina que trouxe pro Crato esta penitência, conta.*



Foto: Antônio Vicelmo. Disponível no blog: Jesus-obompastor.blogspot.com.

FIGURA 9 – O GRUPO DE PENITENTES REZANDO O TERÇO EM SUFRÁGIO DA ALMA DO DECURIÃO JOAQUIM MULATO, QUE MORREU NA SEGUNDA-FEIRA DE CARNAVAL, VÍTIMA DE ATROPELAMENTO

Francisco Severo diz o seguinte:

Hoje é tudo muito diferente do que naquela época. A cidade era a só de Crato, e lá eles gostavam de ver a gente: aqui em Barbalha, era uma vila, tinha só o pessoal dos sítios, cidade não tinha. Hoje, tá tudo próximo, inclusive João Mulato, foi atropelado, aqui de perto, só ficou mesmo a fé dele. João Mulato fez filme, foi no carnaval, vinha gente de todo canto conversar com ele, mas agora, tá esquecido. A cruz que marca o lugar onde ele morreu, o mato cobriu, você não consegue ver mais. A casa dele, até vieram de Juazeiro, com vontade de fazer um lugar do patrimônio da cidade, diz Gorete. Mas,

somente olharam, tiraram fotos e pediram que o local fosse mantido da mesma forma que quando João Mulato morreu atropelado. Mas tá da mesma forma e ninguém voltou mais. João Mulato, que dividiu junto com as religiosidades populares de Frei Damião e Padre Cícero, na cultura religiosa popular nordestina.



Foto: Augusto Pessoa. Diário do Nordeste, 2008.

FIGURA 10 – PENITENTES REVIVEM A FÉ POPULAR

José Mulato de Souza, por meio desta tradição, relatou que “o cruzeiro é o sofrimento de Jesus, a luta dele pra salvar a humanidade, todos nós. São 16 pontas prateadas com coração nas pontas, o coração sagrado ao meio e o escrito ‘viva Jesus para sempre’”.



Foto: Revista patrimônio, Fortaleza-CE, 2002.

FIGURA 11 – BENDITOS PARA ENCAMINHAR OS MORTOS

José Mulato de Souza informa que quando tinha oito anos, seu pai já era penitente e ele não sabia, ninguém sabia, somente a mãe dele. O clima de mistério que originava as características dos penitentes mantinha as tradições do grupo. Eles utilizavam os capuzes com aberturas somente para os olhos. No Sítio Cabeceiras, as cores negras das vestes somente traziam faixas brancas e no centro, em vermelho, “o sagrado coração de Jesus”.

O penitente, segundo Joaquim, só caminhava à noite para seguir o anonimato. Esta tradição tem aproximadamente 160 anos e era mantida pelos penitentes da cidade de Barbalha organizados no Sítio Cabeceiras, no qual o penitente, nesse movimento religioso, tem de domar os desejos da carne e as fantasias do espírito por meio da penitência, sendo que o ritual é preservado como antigamente. A figura 12 mostra os seguidores da Ordem dos Penitentes carregando uma cruz e seguindo pelas estradas da Serra do Araripe, com cânticos e orações.



Fonte: regional, diário do nordeste, 2009. Repórter: Antonio Vicelmo.

FIGURA 12 – SEGUIDORES DA ORDEM DOS PENITENTES NAS ESTRADAS DA SERRA DO ARARIPE

Joaquim Mulato de Souza viveu no anonimato por quase 50 anos. Antigamente, não era permitida a apresentação do grupo nas cidades ou em local público. A penitência, segundo ele, foi feita para livrar o mundo da fome, da peste e da guerra. “A

gente reza para se defender do inimigo”, diz ele. Além disso, ele foi seguidor do padre Ibiapina e manteve o celibatário solteiro.

A figura 16 mostra que a outra manifestação dos penitentes, além de pedir esmolas, é a autoflagelação. O sacrifício é feito com um instrumento de cordas ou couro cru com pontas de ferro e lâminas cortantes.



Fonte: Regional. Diário do Nordeste, 2010. Foto Honório Barbosa.

FIGURA 13 – AUTOFLAGELO DOS PENITENTES

No período medieval, os rituais de penitência que surgiram nos primeiros séculos da Era Cristã serviam para domar os desejos da carne e as fantasias do espírito. Na região do Cariri, surgiram pela peste e pela fome, incentivados pelo padre Ibiapina, que cuidava dos pobres e trouxe os benditos. O grupo das Cabeceiras, hoje, reúne 180 benditos, rezam o terço e utilizam o “cacho” (lâminas de metal para autoflagelo). A cada chicotada, as lâminas de aço reforçam uma atitude que passa pelo livre arbítrio: dessa maneira manifestam sua fé. A penitência é reforçada pela cólera, ou a epidemia do mundo. O autoflagelo, atualmente, não acontece mais, são feitas somente a esmola e a oração. O segredo que se manteve durante muito tempo até mesmo da família dos penitentes se perdeu após estes serem procurados pela mídia, que os expôs em público,

tirando o seu anonimato. Além disso, este ritual tem de seguir regras rigorosas de conduta por se tratar de um ritual religioso popular.



FIGURA 14 – VISITA DO BISPO DOM FERNANDO PANICO AOS PENITENTES DE BARBALHA

O Nordeste foi, de fato, uma região que se esqueceu do Brasil. Nesta região do Ceará, os povos eram de maioria ágrafa e viviam em pequenas vilas isoladas, mantendo costumes que remetem à Idade Média. Os penitentes, liderados por fanáticos e beatos e até mesmo cangaceiros, se influenciaram por estes homens que ameaçavam destituir a ordem estabelecida. As missões de padre Ibiapina surgiram nesta época de sua vida. Ele se preocupava com a romanização da Igreja Católica na região, bem como com a ordem social. Buscava retomar as tradições do Concílio de Trento, sacralizar os locais de culto, moralizar o Clero e diminuir o poder dos leigos organizados nas irmandades. Ibiapina condenava o pensamento liberal moderno em todas as dimensões. As suas missões eram da seguinte forma: o missionário utilizava quatro dias de pregação, combatia os vícios e mostrava a caridade e o benefício do amor de Deus. As atividades eram procissões, missas cantadas e, posteriormente, a flagelação do corpo em público, na qual os penitentes, aos montes, empapuçados, se acoitavam em suspiros de dor.

Na cidade e nas vilas, avisavam sobre a chegada do padre missionário, sendo que eles tinham grandes interesses (latifundiários). Padre Ibiapina, quando deslocado a uma região, tinha que ter certo envolvimento local, tendo seu representante e o vigário

local na sua recepção e sua visita tinha de surtir um efeito maior que a própria presença dele. Dessa forma, segundo Ribeiro:

De início, é importante considerar que um sistema de crenças não constitui um conjunto de idéias desencarnadas que se produz e se movimenta de forma autônoma e independente daqueles que crêem. Ao contrário, ele é constantemente (re)construído em virtude do vínculo entre a experiência religiosa e a totalidade das relações sociais vivenciadas pelos devotos. Nesse sentido, a troca de responsabilidade sobre o conjunto de devotos, realizada entre os párocos e o missionário, aponta para a tessitura social na qual o paternalismo fornece o modelo de relação entre potentados e trabalhadores, cujo conteúdo repousa sobre as noções de proteção e deferência (RIBEIRO, 2003, p. 51).

Atualmente, o grupo dos Penitentes de Barbalha está chegando ao fim e não veem como dar prosseguimento aos rituais, pois os jovens não se interessam mais pela tradição.

CONCLUSÃO

A inovação neste estudo está na reutilização de um rito medieval europeu por uma comunidade contemporânea brasileira. Em um novo contexto, hoje diante das novas tecnologias, das liberdades individuais, da sociedade mais livre e mais igualitária, o que se vê é a necessidade de autossacrifício do corpo como forma de comunicar um preceito religioso de fé. A inovação é tratada na comparação entre o ritual de autoflagelo do corpo na Idade Média com o ritual contemporâneo dos penitentes do Ceará. Também foi feita a identificação de novos elementos de linguagem existentes na atualidade da Irmandade da Cruz da cidade de Barbalha no Ceará se comparados à Irmandade Flagelante, bem como elementos relacionados aos instrumentos utilizados, aos cânticos entoados e às vestimentas. Trata-se de pensar como ocorre uma reapropriação no presente, com características do hoje, de elementos antigos da tradição passada. Inovação aqui é pensada em um sentido social como apropriação. Socialmente, a inovação pode advir da apropriação coletiva que o grupo faz de um produto ou processo. Nesse sentido, a nova apropriação modifica o sujeito e transforma sua visão e sua ação no mundo.

A partir de uma religião oficial, os penitentes de Barbalha criaram uma cultura popular, costumes de ordem medieval adquiridos por meio de ensinamentos que modificaram e trouxeram o pensamento a um grupo de moradores da região do sertão do Cariri. Este grupo de penitentes da cidade de Barbalha-CE foi formado a partir de uma seca no Nordeste, a grande seca na região do Crato, e da morte em massa pela denominada “peste”, fazendo com que eles aceitassem a ideia de uma doença divina, os obrigando a recorrer a costumes religiosos medievais, divulgados oportunamente pela memória eclesiástica cristã. Os idealizadores deste flagelo divino explicavam por meio das penitências em grupo e da demonstração pública o ensinamento divino como adoção de uma verdade. O palco serviu oportunamente ao povo agrário do sertão, o qual reuniu pessoas que viviam dispersas, deixando a sua cultura incrédula ou desestimulada pelos costumes agrários que cada um poderia dispor dentro da sua identidade de pensamento.

As verdades recorrentes do Cristianismo, por meio das explicações católico-cristãs, permitiram que o homem, por meio da representação pela oralidade, visse a “peste”, ou este mal na Terra, como uma fúria divina. A revelação divina era demonstrada com o mimo Cristológico do início da Igreja Medieval, através das

apresentações do teatro, repetindo-se posteriormente no sertão cearense como encontro popular. Assim, a representação pública da penitência de Jesus demonstra o sofrimento de Jesus, passando essa ideia divina como salvação e este sacrifício, o entendimento, como o sacrifício de Jesus por nós.

A partir de um costume decorrente de um padre político, que a partir de uma demonstração pública apropriou-se do divino representando aquilo que seria uma reprodução da passagem da *via crucis* e das passagens bíblicas a um povo analfabeto, criou-se, então, o homem do campo como penitente, imitando o que viu com suas próprias verdades e entendimento.

Ao ver a penitência pública de várias pessoas ao final da evangelização, estimulase o penitente a imitar com seu corpo a comunicação que viu, sentindo a mesma dor que o seu salvador sentiu. Cria-se no penitente que imita uma verdade, transformando seu corpo em um canal de comunicação para o divino e para o mundo em que vive, até sua permissão ao céu. Os objetos simbólicos que criam são reproduções do que viu na religião oficial. Assim, modifica a sua realidade da representação e segue atravessando gerações sempre se preocupando com a verdade que ensina a quem tenha o interesse de aprender, mas não aprender por estar disposto, mas entender que a ideologia, os costumes, os símbolos, o corpo, o sangue, a individualidade e o compromisso são dele com o grupo e do grupo com a Ordem. O ritual da penitência, trazido então pelo padre Ibiapina, demonstrada em público, convenceu estes agricultores do sertão do Cariri. Sempre tendo a relação divina da igreja oficial, alteraram sua visão do mundo religioso, ainda que cristãos, porém vendo esta mesma religiosidade em um viés da penitência, na qual todo o bem que a cristandade demonstra é através da dor.

Nietzsche reconhece o homem cristão como o fraco, aquele que por meio dessas ideias se tornara demente. O corpo dos penitentes, no início da Ordem, no século XIX, mantinha-se em segredo com a sua reza e com sua crença, mantendo-se fiel ao que viu em público através de seu capuz. A penitência do corpo, pelo penitente, causa estranheza do ato a quem olha. Esta penitência é sempre acompanhada com sua parcela de responsabilidade ao grupo, porém mantendo sua individualidade e segredo, que se quebra ao tornar-se pública novamente. Quando eles atendem pesquisadores, repórteres, prefeituras das cidades, pessoas curiosas, etc., o reconhecimento do indivíduo e de seu ato, a modernidade e as mudanças fazem perder o que antes era o público e o imitado para a quebra de valores e a perda de sentidos.

Os penitentes do Sítio Cabeceiras e do Sítio Lagoa, anteriormente, caminhavam de um lado a outro da pequena cidade de Barbalha, aos grupos de 12 pessoas, cantando seus benditos e buscando por meio da penitência a “salvação da alma”. O autoflagelo era a limpeza da alma e o ritual pela proteção de Deus contra a peste. O corpo, quando derramava o sangue, era o elemento sacrificial do contato humano com a divindade, sendo que este sangue era reconhecido pelo grupo como o mesmo sangue que foi derramado por Jesus. Os seus benditos eram cantados no caminho da penitência ou na reza de um moribundo ou na salvação das almas. Rezavam à espera da morte, encaminhando pelas rezas o doente a um extasiante caminho para o céu, ou o divino, para que sua alma fosse purificada.

De toda a experiência que este trabalho rendeu, foi a aproximação da cultura popular: as missões de um padre na seca do século XIX, através das suas tentativas de organização dos moradores das regiões do Cariri. Foi através desta pesquisa que se deu o encontro com a organização do pensamento social, fazendo com que o trabalho de oração que ele fez nestes povoados causasse, então, uma disciplina de ação e pensamento que permeou estes agrários, resultando na apropriação religiosa que se mantém por mais de 150 anos, entre a seca de 1860 e a data desta pesquisa de 2012 na cidade de Barbalha. O modo como os penitentes se comunicam com o mundo por meio do sacrifício do corpo, o silêncio que cada penitente criava com a sua fé, reservando-se dentro de sua casa e mantendo-se em segredo até mesmo da sua família e do seu ofício, demonstram um enfrentamento social, que suas práticas não teriam de ser comuns, como a sua fé também. O padre exercia pregações para o público nas pequenas cidades para se combater os vícios e estimular as virtudes da caridade e do amor de Deus; estas pregações tornaram-se restritas a alguns indivíduos dos grupos de penitentes, sendo que no início era a penitência pública e, depois, restrito para o grupo que conservou as tradições. As esmolas que praticavam eram de reconciliação e confissão dos participantes. Essa relação entre o corpo e o grupo se remete à significação dos símbolos da fé por parte de fiéis, criando, dessa forma, entre eles uma maneira de pensar baseada na religião.

Em sua origem os penitentes se reuniam em um ritual privado. Entretanto, houve uma publicização do ritual pela prefeitura de Barbalha e uma exposição pela mídia com o documentário de 2007 do SBT. A ideia de penitência pública e, principalmente, de espetáculo não agrada os penitentes de Barbalha, conforme expressam nas entrevistas, quando falam com nostalgia da época em que o ritual era secreto e ninguém sabia quem

eram os penitentes. A inovação está, também, na apropriação pela mídia de um ato devocional tentando torná-lo espetacular, isto porque o exótico popular e regional é visto como espetacular pela mídia globalizada. Esta prática midiática interferiu no ritual religioso, assim como a presença da política municipal, dando mais visibilidade para o grupo, o que talvez possa explicar porque não se encontram novos adeptos para dar continuidade ao ritual que tornado público não garante mais o anonimato de seus penitentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Theodor W. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- BERTHOLD, Margot. **História mundial do Teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- BEZERRA, Sandra Nancy Ramos Freire. Oralidade, memória e tradição nas narrativas das assombrações na região do Cariri. Fortaleza. Anais do XXV Simpósio Nacional de História, ANPUH, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- CAMARGO, Francisco C.; HOFF, Tânia M. C. **Erotismo e mídia**. São Paulo: Expressão e arte, 2002.
- CAMPELO, Cleide Riva. **Cal(e)idoscorpos**. São Paulo: Annablume, 1996.
- CANDIOTTO, Cesar. **Foucault e a crítica da verdade**. Curitiba: Autentica, 2010.
- CARDIM, Leandro Neves. **Corpo**. São Paulo: Globo, 2009.
- CARVALHO, ANNA CRISTINA F. DE. As irmandades de penitentes do Cariri cearense e as práticas mágico-religiosas na (re) construção de bens simbólicos de salvação. **Anpuh – XXII**. Simpósio nacional de história. João Pessoa, 2003.
- CORBIN, Alan; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História do corpo**. Petrópolis: Vozes, 2008, vol. 1 – Da renascença às Luzes.
- COUTO, Edvaldo Souza; GOELLNER, Silvana Vilodre. **O triunfo do corpo**. Petrópolis: Vozes, 2012.
- DA-RIN, Silvio. **Espelho partido**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2006.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DEL NERO, Henrique Schützer. **O sítio da mente: pensamento, emoção e vontade no cérebro humano**. São Paulo: Collegium Cognito, 1997.
- FREIRE, Sandra Nancy Ramos. **O coro dos penitentes**: uma outra abordagem para o ensino da arte. Monografia, URCA - Universidade Regional do Cariri, 2001, Crato-CE.
- FREIRE, Marcius; LORDOU, Philippe. **Descrever o visível**: cinema e documentário e antropologia fílmica. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.
- FRIEDRICH, Otto. **O fim do mundo**. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.
- _____. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2011.
- _____. **Vigiar e punir: o nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 2010.
- GAIARSA, José A. **O que é o corpo**. São Paulo: Brasiliense, 2002.

- GREINER, Christine. **O corpo: pistas para estudos indisciplinados**. São Paulo: Anablume, 2005.
- HOCKHEIMER E ADORNO. **La idea de historia natural**. In: Actualidad de la filosofía. Madrid: Paidós, 1991.
- LAND, Marcelo. **A mente externa** – a ética naturalista de Daniel Dennett. Rio de Janeiro: Garamound, 2001.
- LE BRETON, David. **Antropologia do corpo e modernidade**. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.
- LE GOFF, Jacques. **O Deus da Idade Média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.
- MARTINO ALBA, Pilar. **San Jerônimo y San Francisco ante La image de Cristo crucificado: um modelo, dos perspectivas**. Los Crucificados, religiosidad, cofradias y arte: Actas Del Simposium 3/6 –IX-2010. Real Centro Universitario Escorial - Maria Cristina, 2010.
- MAUSS, Marcel; HUBERT, Henri. **Sobre o sacrifício**. São Paulo: Cosac Naify, 2005.
- MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- MOTA, Kássia Sousa de.
- NIETZSCHE, Frierdrich Wilhelm. **O Anticristo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Humano, demasiado humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- OLIVEIRA, CARLA MARY S. A “Glorificação dos santos franciscanos” do convento de Santo Antônio de Paraíba”: Algumas questões sobre a pintura, alegoria barroca e produção artística no período colonial. **Revista de História e Estudos Culturais**. UFPB, 2006, vol. 3, ano III. N.4.
- ORTEGA, Francisco; ZORZANELLI, Rafaela. **Corpo em evidência: a ciência e a redefinição do humano**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- PINKER, Steven. **Tábula rasa: a negação contemporânea da natureza humana**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- RENSCH, Bernhard. **Homo Sapiens: de animal a Semideus**. Lisboa: Editorial Presença, 1965.

RIBEIRO, J.M.C. **Entre a penitência do corpo e o corpo em festa: uma análise das missões do padre Ibiapina no Ceará (1860-1883)**. Dissertação (mestrado), UFC, Fortaleza, 2003.

SANTAELLA, Lúcia. **Percepção: fenomenologia, ecologia, semiótica**. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

SIDMAN, Murray. **Coerção e suas implicações**. São Paulo: Livro Pleno, 2009.

SILVA, Ana Márcia. **Corpo, ciência e mercado: reflexões acerca da gestão de um novo arquétipo da felicidade**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2001.

SUSS, Gunter Paulo. **Catolicismo popular no Brasil**. São Paulo: Editora Loyola, 2001.

THEML, Neyde; BUSTAMENTE, Regina M. C.; LESSA, Fábio S. **Olhares do corpo**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

VIEIRA, Maria da Dôres Pinheiro da Costa. **Os penitentes do rosário da mãe de Deus: Conformismo ou resistência**. Monografia, URCA - Universidade Regional do Cariri, 2001, Crato-CE.